



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS – CCJS
COORDENAÇÃO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**



ASSISIVÂNIA DANTAS DE SOUZA

**O EMPREENDEDORISMO NA FORMAÇÃO DE BACHAREIS EM CIÊNCIAS
CONTÁBEIS: UM ESTUDO A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO 9º
PERÍODO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UFCG –
CAMPUS DE SOUSA-PB.**

Sousa – PB

2010

ASSISIVÂNIA DANTAS DE SOUZA

**O EMPREENDEDORISMO NA FORMAÇÃO DE BACHAREIS EM CIÊNCIAS
CONTÁBEIS: UM ESTUDO A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO 9º
PERÍODO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UFCG –
CAMPUS DE SOUSA-PB.**

Monografia apresentada ao curso de
Ciências Contábeis da Universidade
Federal de Campina Grande – Sousa/PB
como requisito para obtenção do título de
Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof.º MSC Marconi A.
Rodrigues

**Sousa – PB
2010**

ASSISIVÂNIA DANTAS DE SOUZA

**O EMPREENDEDORISMO NA FORMAÇÃO DE BACHAREIS EM CIÊNCIAS
CONTÁBEIS: UM ESTUDO A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS
DO 9º PERÍODO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS
DA UFCG – CAMPUS DE SOUSA-PB.**

Aprovada em ____ / _____ / ____

BANCA EXAMINADORA

**Prof. Msc. Marconi Araújo Rodrigues – Orientador
Universidade Federal de Campina Grande – Sousa/PB**

Prof. – Francisco Dinart de Sousa Fernandes.

Prof. – Vorster Queiroga Alves

ASSISIVÂNIA DANTAS DE SOUZA

**O EMPREENDEDORISMO NA FORMAÇÃO DE BACHAREIS EM CIÊNCIAS
CONTÁBEIS: UM ESTUDO A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DO 9º
PERÍODO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DA UFCG –
CAMPUS DE SOUSA-PB.**

Aprovada em ____ / _____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Marconi Araújo Rodrigues – Orientador
MSc. Universidade Federal de Campina Grande – Sousa/PB

Prof.º Fabiano Ferreira Batista - Membro
Universidade Federal de Campina Grande – Sousa/PB

Prof.ª Thainany de Freitas Rêgo – Membro
MSc. Universidade Federal de Campina Grande – Sousa/PB

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de luz e misericórdia, que durante este período me concedeu forças para vencer o desânimo e trilhou os meus caminhos hei conseguir está vitória em nome do SENHOR JESUS CRISTO que continuará por todo o sempre a me guiar.

Ao meu anjo terreno, minha mãe, que, me incentiva e instruir a seguir sempre o caminho certo para trilhar a minha vida.

A minha filhinha, YASMIM DANTAS DA COSTA SOUSA, pela paciência e por compreender o meu tempo ausente.

Aos meus irmãos, ASSISIANE, JOSÉ ALBERLAN, ARIADNA CRISTINA e ASSISIMEIRE, que sempre estiveram comigo em todos os momentos me ajudando e dando forças.

Ao meu Esposo, FRANCISCO DAS CHAGAS DA COSTA SOUSA, pelo incentivo dedicado para realização deste sonho.

A minha família, abençoada por Deus, que sempre esteve presente nos momentos bons e ruins.

Ao meu professor, orientador e amigo MARCONI ARAÚJO RODRIGUES, por seu apoio e inspiração no amadurecimento dos nossos conhecimentos e conceitos que nos levaram a execução e conclusão deste trabalho.

Aos professores desta instituição pelo conhecimento transmitido e pelo amadurecimento das ideias.

A nossa coordenadora querida LÚCIA SILVA ALBUQUERQUE.

Aos funcionários da coordenação, pela atenção dedicada nos momentos difíceis.

**Dedico este trabalho primeiramente a Deus,
autor de tudo.**

**A minha mãe, EVANGELMA DANTAS
PEREIRA, que não mediu esforços para me
oferecer uma educação de qualidade,
contribuindo para a formação intelectual
social.**

**Quanto maior o desafio Mais apaixonante a
vida**

(Dom Hélder Câmara)

RESUMO

O tema empreendedorismo, compreendendo desde a origem da palavra até sua importância estratégica para o desenvolvimento econômico de um país é hoje um fenômeno global, dadas as grandes mudanças nas relações internacionais entre os países e empresas, no modo de produção, nos mercados de trabalho e na formação profissional. O Brasil é citado como um dos países mais criativos do mundo, mas precisa melhorar no que se relaciona à consolidação de milhares de iniciativas de novos negócios e empresas, assim como a formação de empreendedores particularmente nos cursos de Ciências Contábeis. O presente trabalho apresenta informações sobre o tema empreendedorismo fazendo uma abordagem sobre histórico da contabilidade, do ensino superior em ciências contábeis, o fenômeno do empreendedorismo e seu ensino em cursos universitários, através de pesquisas bibliográficas de vários autores. O objetivo da pesquisa é investigar os resultados obtidos com uma pesquisa de campo realizada entre os alunos do 9º período Curso de Ciências Contábeis da UFCG Campus de Sousa. Para a realização da pesquisa se utilizou um questionário semi-estruturado com perguntas objetivas e subjetivas relacionadas ao perfil dos alunos entrevistados e sobre os objetivos da pesquisas. Verificou-se através dos resultados obtidos com a aplicação do questionário, a percepção dos alunos sobre a importância do empreendedorismo na formação acadêmica dos mesmos. Evidenciou a relação entre o empreendedorismo e contabilidade diante às novas tendências do mercado e também no novo perfil do Profissional em Contabilidade que assume nova postura empreendedora, tornando-se, aptos para resolver tanto as questões contábeis quanto as de natureza empreendedoras das empresas. Observou-se ainda o papel das universidades de Ciências Contábeis em relação a sua contribuição na melhoria do ensino sobre empreendedorismo, portanto o trabalho evidenciou diferentes pontos que norteiam a importância do empreendedorismo para a formação dos acadêmicos envolvidos nesta pesquisa.

Palavras-chave: Empreendedorismo – Profissional Contábil – Postura Empreendedora

ABSTRACT

The theme Entrepreneurship, understanding from the origin of the word to his/her strategic importance for the economical development of a country is today a global phenomenon, given the great changes in the international relationships between the countries and companies, in the production way, in the job markets and in the professional formation. Brazil is mentioned as one of the most creative countries of the world, but he/she needs to get better with regard to the consolidation of thousands of initiatives of new businesses and companies, as well as the entrepreneurs' formation particularly in the courses of Sciences Accounting. Of the present work presents information on the theme Entrepreneurship making an approach on historical of the accounting, of the higher education in accounting sciences, the phenomenon of the Entrepreneurship and his/her teaching in academical courses, through several authors' bibliographical researches. The objective of the research is to investigate the results obtained with a field research accomplished among the students of the 9th period Course of Accounting Sciences of UFCG Campus of Sousa. For the accomplishment of the research a questionnaire was used semi-structured with objective and subjective questions related to the interviewed students' profile and on the objectives of the researches. It was verified through the results obtained with the application of the questionnaire, the students' perception on the importance of the Entrepreneurship o in the academic formation of the same ones. It evidenced the relationship before between the Entrepreneurship and accounting to the new tendencies of the market and also in the Professional's new profile in Accounting that assumes new enterprising posture, becoming, capable to solve as much the accounting subjects as the one of nature enterprising of the companies. It was still observed the paper of the universities of Accounting Sciences in relation to his/her contribution in the improvement of the teaching on Entrepreneurship, therefore the work evidenced different points that orientate the importance of the Entrepreneurship for the academics' formation involved in this research.

Keywords: Entrepreneurship - Accounting Professional - Enterprising Posture

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Gênero dos entrevistados.....	45
Gráfico 2- Faixa-etária dos entrevistados.....	46
Gráfico 3- Se estudou em escolas públicas, privadas ou parte em públicas e parte privadas	47
Gráfico 4 – Quanto à naturalidade dos entrevistados.....	47
Gráfico 5 – Ocupação dos Entrevistados	48
Gráfico 6 – Renda dos Entrevistados.....	49
Gráfico 7 – Conceito de empreendedorismo.....	50
Gráfico 8 – Se o empreendedorismo deve ser explorado pelos profissionais contábeis.....	51
Gráfico 9 – Se existe ligação entre empreendedorismo e contabilidade	52
Gráfico 10 – Se o Profissional Contábil deve assumir uma postura empreendedora	53
Gráfico 11 – Se o Profissional Contábil ajuda o cliente dando orientações empreendedoras	54
Gráfico 12 – Importância da Disciplina Empreendedorismo no Curso de Ciências Contábeis	55
Gráfico 13 – Obrigatória ou opcional a disciplina no Curso de Ciências Contábeis.....	56
Gráfico 14 – Evolução da formação em empreendedorismo no ensino superior em Ciências Contábeis	57
Gráfico 15 – Contribuição ou incentivo das Universidades Públicas para o avanço do empreendedorismo nos cursos de contabilidade	58
Gráfico 16 – Se a formação como contador prepara para empreender.....	59
Gráfico 17 – Se teve as informações adequadas no decorrer do curso sobre empreendedorismo para a sua formação.....	59

Gráfico 18 – Sugestões para otimizar o ensino de Empreendedorismo para os alunos de Ciências Contábeis	60
--	----

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	12
1.1 Problematização	12
1.2 Justificativa	14
1.3 Objetivos	16
1.3.1 Objetivo geral.....	16
1.3.2 Objetivos específicos	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 Antecedentes históricos das ciências contábeis.....	17
2.2 A formação em ciências contábeis.....	19
2.3 O profissional de contabilidade	23
2.4 O ensino superior em ciências contábeis	24
2.5 O fenômeno do empreendedorismo.....	26
2.6 O empreendedorismo no Brasil.....	30
2.7 O ensino do empreendedorismo em cursos universitários	35
2.8 O ensino do empreendedorismo no Brasil	37
2.9 A contabilidade e empreendedorismo	39
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
3.1 Quanto a abordagem do problema.....	41
3.2 Quanto aos meios	41
3.3 Quanto aos fins e ao método utilizado	42
3.4 Instrumentos de coleta de dados	42
3.5 População e amostra do estudo	43
3.6 Análise dos dados.....	44
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	63
APÊNDICE	68

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

1.1 Problematização

Comenta Dornelas (2008), que o tema Empreendedorismo vem ganhando destaque, tornando-se essencial ao profissional que atua na área de negócios, como também aos profissionais de muitas áreas, uma vez que empreender envolve características como independência, liderança, otimismo, capacidade de assumir risco, motivação, entre outras. Essas características são fundamentais na formação e personalidade, principalmente de profissionais que atuam em áreas direcionadas à gestão de negócios.

Segundo Crepaldi (2008), o contabilista exerce papel fundamental no processo de soluções de problemas, porém não são responsáveis por decisões. A ele cabe fazer o levantamento e informar os dados que interessa a contabilidade da empresa.

No entanto, na visão de Marion (2000) o profissional contábil dos dias atuais deve adquirir cada vez mais conhecimentos, não só no que se refere a parte contábil da empresa, mas também no que tange os aspectos técnicos dos negócios da mesma e para isso é preciso está sempre atualizado e procurar estudar a situação de investimentos da empresa na qual irá prestar serviço.

Conforme Peleias (2006), a contabilidade assume um papel importante na sociedade, pois é a partir dela que são feitos os registros e apuração das atividades comerciais das empresas.

A contabilidade é utilizada por toda e qualquer organização, seja pequena, média ou de grande porte, finalidade ou constituição jurídica. A contabilidade informa onde estão os recursos aplicados e como foram obtidos, qual foi o desempenho econômico e qual a posição atual da empresa (PELEIAS, *op. cit*)

Sendo assim, Crepaldi (2008), diz que as informações contábeis são essenciais para os investidores, uma vez que estas dirão se os investimentos são seguros e possibilitará retornos em curto prazo.

No decorrer dos anos a contabilidade vem se desenvolvendo de forma muito rápida, e o conceito de gestão, qualidade e o ato de planejar estrategicamente, anteriormente elementos presentes no vocábulo da administração, estão cada vez mais inseridos na prestação de serviços contábeis.

Na visão de Gil (2006), a contabilidade deve ser vista não apenas como uma controladora de obrigações fiscais e determinações legais, mas sim, como um importante instrumento administrativo capaz de controlar todo patrimônio da empresa e também de fazer a diferença no mercado, que se torna mais competitivo a cada dia. Assim, observa-se, que não só aspectos técnicos voltados a gestão estão sendo incorporados ao dia-a-dia do profissional contábil, bem como atitudes, comportamentos e novos conceitos também são exigidos desses profissionais. Um desses novos conceitos é o de empreendedorismo, que passa a ser inserido no contexto da contabilidade a partir das disciplinas de empreendedorismo lecionadas nos cursos superiores.

O ensino de empreendedorismo torna-se mais um elemento dentro da formação do contador, pois, deve ser visto pelos profissionais de contabilidade como uma ferramenta importante para seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Relata Drucker (1998), que o estudo do empreendedorismo pode auxiliar o aluno de contabilidade, visto que a característica empreendedora deve ser uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento profissional e ainda poderá servir como uma atividade para o surgimento, desenvolvimento e criação de habilidades especiais, para que o aluno possa despertar sua verdadeira vocação, ter a segurança de saber qual seu perfil profissional, sem que gere algum tipo de trauma ou decepção. O que pode contribuir na inibição de suas características empreendedoras no futuro.

De acordo com Drucker (1987) o empreendedorismo forma idéias e ações, sejam num plano individual ou coletivo, em busca de um mesmo resultado organizado: O espírito empreendedor é, portanto uma característica distinta seja de um indivíduo, ou de uma instituição. Dessa forma qualquer indivíduo que tenha à frente uma decisão a tomar pode aprender a ser um empreendedor e se comportar como tal. O empreendedorismo é um comportamento, e não um traço de personalidade. E suas bases são o conceito e a teoria, e não a intuição.

Segundo Nasi (1994 *apud* Marion, 2003), para abrir um negócio o empreendedor precisa ter tempo disponível e de recursos financeiros, contudo, é necessário planejar custos e ter orientações burocráticas. Daí a importância do contador ao empreendimento desde o momento da sua criação e durante toda sua existência para garantir o sucesso do empreendimento.

Conforme Drucker (1998), o empreendedorismo vem tendo com a contabilidade uma forte relação, e a disciplina empreendedorismo começa a fazer parte da grade curricular do Curso de Ciências Contábeis tendo como objetivos principais despertar o aluno para a área de

empreendedorismo motivando-o a criar a sua empresa ou gerar seu próprio emprego. Contudo, para Pereira (1997), não quer dizer que o aluno tenha que abrir empresa logo que terminar a disciplina. Na verdade a proposta é que o aluno possa incorporar ao seu potencial a opção de gerar seu próprio negócio e prossiga tal objetivo durante a sua evolução na profissão.

Percebe-se, nesse contexto que os alunos do curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Sousa-PB, vivem essa realidade e ao ingressarem no último ano para conclusão de seus cursos de graduação começam a ser apresentados a novos conceitos sobre a importância da formação empreendedora e, por vezes, se questionam qual a importância dessa formação para suas carreiras.

Nesse sentido, e diante dessa realidade, este estudo teve como problema de pesquisa o seguinte questionamento: qual percepção dos alunos do 9º período do Curso de Graduação em Ciências Contábeis da UFCG Campus de Sousa - PB sobre o Empreendedorismo na formação dos Bacharéis em Ciências Contábeis?

1.2 Justificativa

Conforme Dornelas (2008), tendo em vista a competitividade que aumenta a cada dia no cenário econômico, é preciso que as pessoas e as empresas busquem um diferencial que as permita alcançar crescimento e sucesso, portanto os profissionais de contabilidade devem assumir esta nova postura através dos estudos sobre empreendedorismo disseminado nos cursos de Contabilidade, uma vez que o empreendedorismo se destaca como característica imprescindível a um bom profissional de contabilidade.

Nesse sentido, a escolha do tema justifica-se, pelo fato de ser o empreendedorismo atualmente um assunto bastante discutido em diversos segmentos profissionais e particularmente na contabilidade, visto que a postura empreendedora faz parte do atual perfil do profissional contábil.

A escolha de uma IES pública, notadamente da UFCG campus de Sousa – PB deve-se ao fato da mesma ser reconhecida no cenário educacional no país, pela credibilidade e competência na formação acadêmica realizada e por oferecer no seu curso de graduação

em Ciências Contábeis disciplina na área de empreendedorismo, bem como porque foi à primeira IES pública a criar um curso de Contabilidade no interior do estado da Paraíba.

A escolha do tema se deu pela importância que a temática “empreendedorismo” tem nas discussões econômicas dos dias atuais. A importância de se formar novos empreendedores, a busca pelo desenvolvimento e da geração de emprego e renda através da criação de novos negócios, a postura empreendedora tão requisitada nas organizações, enfim, a pertinência dessa discussão na formação acadêmica, principalmente, naquelas formações voltadas a área de negócio, como é o caso da contabilidade.

Em termos de contribuição, pode-se elencar as contribuições deste trabalho sob duas vertentes: uma teórica e uma prática. Do ponto de vista teórico, visa contribuir com a temática, a partir das discussões levantadas e das revisões teóricas feitas, possibilitando a inferência de novas perspectivas do empreendedorismo na área de contabilidade.

No que tange a vertente prática busca trazer resultados empíricos sobre a percepção dos alunos de contabilidade a cerca da importância do empreendedorismo em suas formações, o que poderá servir de subsídios para melhoria dos programas das disciplinas do curso, como elemento de orientação à formulação de propostas educacionais voltadas para a temática, bem como contribuir para disseminação dos conceitos relacionados na formação de novos contadores no âmbito do curso objeto desse estudo.

Por fim, a pesquisa servirá de suporte científico para pesquisas futuras relacionadas ao tema estudado, seja para os acadêmicos em contabilidade que pretendem assumir essa nova postura do profissional ou para os profissionais que já atuam na área de contabilidade e também para a sociedade como um todo, com o intuito de conhecer as novas tendências da contabilidade a partir do estudo do empreendedorismo que se torna uma ferramenta importante para o contabilista que atua de maneira dinâmica e decisiva para a vida das empresas.

1.3 Objetivos

1.3.1 *Objetivo geral*

Demonstrar a percepção dos alunos do 9º período do Curso de Graduação em Ciências Contábeis da UFCG Campus de Sousa - PB sobre o Empreendedorismo na formação dos Bacharéis em Ciências Contábeis

1.3.2 *Objetivos específicos*

- **Traçar o perfil dos Formandos do referido curso;**
- **Identificar como os formandos entendem o conceito de Empreendedorismo;**
- **Mostrar como os formando entendem a relação do empreendedorismo no curso de contabilidade;**
- **Evidenciar a percepção dos formandos em relação à formação empreendedora no Curso de Ciências Contábeis. .**

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Antecedentes históricos das ciências contábeis

É importante considerar e fazer uma breve contextualização sobre os antecedentes históricos da contabilidade, a fim de permitir ao leitor um entendimento dos fundamentos teóricos que alicerçam este trabalho.

Segundo Crepaldi (2008), a contabilidade surgiu desde as civilizações mais antigas do mundo, uma vez que existem diferentes registros afirmando que as mesmas já possuíam uma maneira, que embora rústicas para as técnicas atuais, pode ser considerada uma forma de fazer a contabilidade.

Para Iudícibus (2005), a Contabilidade apresenta a sua história condizente com a história da própria civilização, quando o homem sente a inevitável necessidade de proteger aquilo que tem, além de perpetuar os registros dos seus bens. Foram atividades como a agricultura e o pastoreiro que sucederam à caça. A prática agrícola trazia um novo perfil de investimentos não mais voltado para uma economia comunitária, mas visando ao senso de propriedade, onde o patrimônio, que era os bens adquiridos deveria ir passando de geração em geração, com isso a contabilidade viria se responsabilizar por esses registros do comércio.

Acredita-se que foram dos fenícios as primeiras cidades comerciais, todavia esses não eram os únicos a realizarem atividades econômicas, elas aconteciam nas grandes cidades da Antiguidade. Os comerciantes semíticos necessitavam de uma estrutura para garantir os registros de suas atividades de compra e venda, pois até então, na Babilônia, essas anotações eram feitas de maneira rudimentar em pranchas de argila por escribas em 2000 a.C. (IUDÍCIBUS, *op cit*).

Esses registros se tornaram cada vez mais necessários à proporção que o homem adquiria um volume mais significativo de bens, para que pudessem render mais lucros, aumentando o seu patrimônio e propondo possibilidades de uso, de consumo, de produção, etc.

Diante das novas administrações particulares que ora apareciam, a necessidade de organização dos investimentos se torna inerente, exigindo registros adequados para sucessivas prestações de contas. Nessa época, as negociações econômicas de compra,

venda e troca eram feitas à vista uma vez que não havia crédito. Uma maneira encontrada para registros de dívidas e quitações eram as marcas em ramos de árvores.

Conforme Sá (2005), registros acerca de negócios foram facilitados a partir do desenvolvimento, no Egito antigo, do papel (papiro) e da pena de escrever (cálamo). A necessidade de sofisticação vai se tornando maior devido à complexidade das operações. Os romanos já traziam os inscritos das ações governamentais em caixas com receitas denominadas de rendas e lucros, por sua vez as despesas equivaliam a salários, perdas e diversões. Já no período medieval, os governos locais e a igreja promoveram bastantes transformações na contabilidade, todavia o termo Contabilità vem surgir somente na Itália.

Com isso, pode-se resumir a evolução da ciência contábil da seguinte forma: a Contabilidade do mundo antigo, iniciada com os primórdios das civilizações indo até 1202 da Era Cristã, logo que apareceu o Liber Abaci, de Leonardo Fibonacci, o Pisano; de 1202 da Era Cristã até 1494 tem-se a Contabilidade do mundo medieval, quando apareceu a obra Summa de arithmetica, geométrica, proportioni et proportionalita do Frei Paccioli. (SÁ, 2005).

Para Crepaldi (2008), a obra, publicada em Veneza, em 1494, fato acontecido logo após o surgimento da imprensa foi um dos primeiros impressos no mundo. Essa obra delinea, em de seus capítulos, um método empregado por mercadores de Veneza no controle de suas operações, posteriormente denominado método das partidas dobradas ou método de Veneza, essa obra foi marcante pela contribuição de introduzir, dentro do conhecimento humano, a contabilidade. Nessa publicação é dada a ênfase de que a teoria contábil do débito e do crédito corresponde à teoria dos números positivos e negativos

Ao aparecer a marcante obra na história da Contabilidade "La Contabilità Applicatta alle Amministrazioni Private e Pubbliche" de Francesco Villa condecorada pelo governo austríaco, surge a Contabilidade do mundo moderno (1494 – 1840). Registra-se também a contabilidade do mundo científico, que se inicia em 1840 e continua até os dias de hoje. (CREPALDI, *op cit*).

Conforme Rocha (2009), a vinda da Família Real para o Brasil traz uma série de inovações no cenário nacional devido à incrementação da vida na Colônia com isso é preciso uma melhor estrutura fiscal, pois os gastos públicos se tornam mais intensos, assim como aumentam as rendas estaduais. É constituído, portanto, o Erário Régio ou o Tesouro Nacional e Público com o Banco do Brasil (1808). Nas províncias, a composição das Tesourarias de Fazenda era de um inspetor, um contador e um procurador fiscal, que se responsabilizavam pela arrecadação, distribuição e administração financeira e fiscal.

Para Crepaldi (2008), pode-se observar que depois da publicação do livro de Paccioli, a Contabilidade nos séculos seguintes se expandiu sendo utilizada nas instituições como a Igreja e o Estado e foi importante instrumento no desenvolvimento do capitalismo.

Ressalta o autor, que por serem os livros contábeis documentos sigilosos, as técnicas e as informações ficavam restritas ao dono do empreendimento. Isso limitou consideravelmente o desenvolvimento da ciência, uma vez que não existia troca de idéias entre os contabilistas. Com o passar dos anos, com o desenvolvimento do mercado de ações e o fortalecimento da sociedade anônima como forma de sociedade comercial, a Contabilidade tomou nova configuração, sendo considerada também como um importante instrumento para a sociedade.

2.2 A formação em ciências contábeis

O curso superior em Ciências Contábeis deve considerar um perfil profissional que mostre a responsabilidade social de seus alunos que estão saindo da universidade e sua atuação técnica e instrumental, em conjunto com outros ramos do saber e, portanto, com outros profissionais, demonstrando o domínio de habilidades e competências em diversas disciplinas.

Conforme Carr (1999) deve fazer parte do currículo contábil à qualidade de fornecer habilidades, bases do conhecimento e as atitudes, ingredientes necessários à obtenção de competência, visto que, ao avanço da Contabilidade, juntam-se novas exigências ao papel do Contador. Com isso, o autor, em sua visão, questiona a quem se deve a responsabilidade pelo currículo contábil e adverte aos contadores que desejarem ter sucesso na atividade, a desenvolver um vasto leque de habilidades, em conjunto com a competência técnica.

Estudos, permeando as diretrizes curriculares da CES/CNE para o curso de Ciências Contábeis, evidenciam grandes mudanças nas habilidades contábeis básicas para o futuro, sugerindo como profissionais contábeis aqueles que vêem suas qualificações como um ponto de partida e não como fim de seu desenvolvimento profissional, que adotem uma visão estratégica dos negócios, aplicando ferramentas analíticas, que ampliem as medidas do período contábil único, mudem sua ênfase nas tarefas contábeis tradicionais para as

tarefas de valor adicionado, incluindo análise de negócios e estratégicas, apoio decisório, busquem novas idéias para valorizar a atividade.

De acordo com o texto contido no Parecer CNE/CES 146/2002, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Ciências Contábeis e publica em seu Relatório que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 4.024/61, em seu art. 9º, posteriormente também a Lei de Reforma Universitária 5.540/68, no art. 26, estabelece que, ao então Conselho Federal de Educação, incumbia à fixação dos currículos mínimos dos cursos de graduação, válidos para todo o país, os quais foram concebidos com os objetivos definidos, dentre os quais cita-se o objetivo 3, na ordem: assegurar uniformidade mínima profissionalizante a todos quantos colassem grau profissional, diferenciados apenas em relação às disciplinas complementares e optativas, tudo como se observa, quando das transferências e do aproveitamento de estudos realizados, no art. 2º da Resolução CFE 12/84, segundo a qual as matérias componentes do currículo mínimo de qualquer curso superior cursadas com aproveitamento em instituição autorizada eram automaticamente reconhecidas na instituição de destino, inobstante alguma variação de carga horária a menor, à razão de aproximadamente 25%.

É visto no mesmo no Parecer CNE/CES 146/2002, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Ciências Contábeis Parecer que:

a CES/CNE considerou que os currículos mínimos profissionalizantes, rigidamente concebidos na norma, para serem observados nas instituições, não mais permitiam o alcance da qualidade desejada segundo a sua contextualização no espaço e tempo. Ao contrário, inibiam a inovação e a diversidade no preparo ou formação do profissional apto para a adaptabilidade, de forma que a publicação da Lei 9.131, de 24/11/95, em seu art. 9º, § 2º, alínea "c", conferiu a CES/CNE a competência para "a elaboração do projeto de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que orientarão os cursos de graduação, a partir das propostas a serem enviadas pela Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação ao CNE", tal como viria a estabelecer o inciso VII do art. 9º da nova LDB 9.394/96, de 20/12/96, publicada em 23/12/96).

Com isso, a CES/CNE aprovou o Parecer 776/97, no qual estabelece que as Diretrizes Curriculares Nacionais devem se constituir em orientações para a elaboração dos currículos, ser respeitadas por todas as IES e assegurar a flexibilidade e a qualidade da formação oferecida aos estudantes. A ênfase neste estudo, porém, é para a explicação sobre os paradigmas das Diretrizes Curriculares Nacionais, afirmando que elas objetivam: servir de

referência para as instituições na organização de seus programas de formação, permitindo flexibilidade e priorização de áreas de conhecimento na construção dos currículos plenos. Devem induzir à criação de diferentes formações e habilitações para cada área do conhecimento, possibilitando ainda definirem múltiplos perfis profissionais, garantindo uma maior diversidade de carreiras, promovendo a integração do ensino de graduação com a pós-graduação, privilegiando, no perfil de seus formandos, as competências intelectuais que reflitam a heterogeneidade das demandas sociais (Parecer CNE/CES 146/2002).

Complementa Carr (1999), que o esperado pelo CES/CNE do profissional de Ciências Contábeis está discriminado no item 3.2.4 Curso de Graduação em Ciências Contábeis, como segue: Perfil Desejado do Formando:

O curso de graduação em Ciências Contábeis deve contemplar um perfil profissional que revele a responsabilidade social de seus egressos e sua atuação técnica e instrumental, articulada com outros ramos do saber e, portanto, com outros profissionais, evidenciando o domínio de habilidades e competências inter e multidisciplinares (Parecer CNE/CES 146/2002).

Para a composição desse perfil, a CES/CNE lança mão de um farto elenco marcado no documento como:

Competências e Habilidades: Quanto às competências e habilidades, os Bacharéis em Ciências Contábeis deverão ser capazes de: utilizar adequadamente a terminologia e a linguagem próprias das Ciências Contábeis e Atuariais; demonstrar uma visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil; elaborar pareceres e relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários, quaisquer que sejam os modelos organizacionais; aplicar adequadamente a legislação inerente às funções contábeis; desenvolver, com motivação e através de permanente articulação, a liderança entre equipes multidisciplinares para a captação de insumos necessários aos controles técnicos, à geração e disseminação de informações contábeis, com reconhecido nível de precisão; exercer suas funções com expressivo domínio das funções contábeis e atuariais que viabilizem aos agentes econômicos e aos administradores de qualquer segmento produtivo ou institucional o pleno cumprimento da sua responsabilidade quanto ao gerenciamento, aos controles e à prestação de contas da sua gestão perante a sociedade, gerando também informações para a tomada de decisão, organização de atitudes e construção de valores orientados para a cidadania; desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial; exercer com ética e proficiência as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através da legislação específica, revelando domínios adequados aos diferentes modelos organizacionais (Parecer CNE/CES 146/2002).

Desses apontamentos, segundo Carr (1999), é que se distingue a relevância da formação acadêmica do contador, no que concerne ao objetivo de atuar como profissional na função contábil, pressupondo-se o que a sociedade espera dele, pois Ludícibus (1999, p.85) reconhece que: "Será necessário que nossos técnicos de Contabilidade se dirijam, em

massa, para os bons cursos de Ciências Contábeis, a fim de obterem uma formação realmente completa”.

No entanto, os bons cursos de Ciências Contábeis, são escassos. O reverso do esperado pelo CES/CNE e das considerações de Ludícius pode ser percebido em Chitale (1999), ao se referir à situação presente como crescente e fortalecida, garantindo que hoje a sociedade precisa da profissão contábil para suas necessidades normais de negócios, acompanhada das organizações governamentais e semigovernamentais, ressaltando que a profissão contábil, em seu crescimento, mostra que deve acompanhar as mudanças no ambiente, manter-se atualizada, em termos de conhecimento e habilidades que são esperadas do profissional contador, e da aplicação de ferramentas baseadas em técnicas recentes, observando as oportunidades adequadas.

Chitale, (1999), considera necessário, referindo-se às instituições educacionais, que promovam diálogo contínuo entre instituições e órgãos profissionais, pois estes recebem os estudantes dessas instituições e os convertem em profissionais para o futuro. Alerta para o fato de que:

Os órgãos profissionais em vários países podem ter de especificar claramente o nível de conhecimento esperado de uma pessoa que deseja ingressar em um curso profissional e, portanto, podem ter de fazer entendimentos para que as instituições educacionais forneçam a base desses conhecimentos (CHITALE, 1999, p.58).

Diante dessas exigências, o profissional de contabilidade deve estar preparado para assumir uma nova postura diante das mudanças que vem ocorrendo na sociedade.

Ainda enfatiza Crepaldi (2008), que a Contabilidade só dizia respeito aos contabilistas por ser uma ciência difícil de entender. No entanto, todo executivo, seja ele financeiro ou não, lida continuamente com informações contábeis. São balanços e demonstrações financeiras, orçamentos e análises de projetos que exigem certo nível mínimo de compreensão para discussões inteligentes e produtivas.

Outro aspecto importante na formação empreendedora dos estudantes do curso de Ciências Contábeis é a questão das novas exigências curriculares contidas no Parecer CNE/CES 146/2002, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de graduação em Ciências Contábeis já discutidas anteriormente.

2.3 O Profissional de contabilidade

O contador deve ser visto como um articulador de informações essenciais para a tomada de decisões, visto que a habilidade em avaliar fatos passados, ter a percepção do presente e prognosticar fatos futuros pode ser compreendido como fator essencial ao sucesso empresarial.

Segundo Vasconcelos (2001), a função e o desafio profissionais da Contabilidade deixaram de ser, nos últimos anos, apenas narrativos e se transformaram na necessidade de atender aos seus diversos segmentos de usuários, com suas diversidades e necessidades de informações, para o eficaz gerenciamento das suas atividades.

Os contadores têm um importante papel no processo de solução de problemas, não como responsáveis por decisões, mas como responsáveis pelo levantamento e pela informação de dados que interessam. Seus relatórios têm que apresentar dados válidos, números que meçam as quantidades pertinentes para a decisão a ser tomada. Muitos administradores querem que o contador faça recomendações sobre a decisão apropriada, apesar de a escolha final sempre ser do executivo de linha. (VASCONCELOS, 2001, p. 123).

O Contador vem assumindo uma função que oferece à sociedade vários benefícios, incluindo menores riscos ao investir, e melhor destinação do recurso e, a indiscutível capacidade de aprender a lidar com mudanças e com as idéias de melhorias. No seu dia-a-dia, o profissional contábil se deparara com inúmeras demandas oriundas de diversas fontes: governo, no tocante à legislação tributária, instituições financeiras, quando a empresa necessitar recorrer à fonte externa de financiamento ou empréstimo; aos sócios, acionistas e proprietários de quotas societárias, além dos administradores, diretores e executivos incumbidos de tocar a administração das empresas.

Cita Vasconcelos (2001), que o Contador gerencial realmente assume e entende as noções de risco, incerteza, custo de oportunidade, e com isto, entra na avaliação de produtos e serviços munido de um preparo mais poderoso de análise econômico-financeira, por isso é que hoje em dia já pode ser considerado como assessor dos administradores no processo de tomada de decisão.

Na visão de Rocha (2009), o contador além de exercer funções na a área fiscal, tem ainda papel importante dentro do mercado de economia complexa, pois é a partir de informações precisas sobre esse mercado que o contador viabiliza a tomada de decisões em relação a novos investimentos.

Para Rocha (2009), o contabilista seja encarado pela empresa como o profissional que domina as técnicas da contabilidade para enquadrar, analisar e apurar os tributos de forma adequada, bem como de forma científica e clara classificar e escriturar toda a documentação da empresa, apresentando o balancete mensalmente, mostrando a situação fisco-contábil-financeira da empresa ao empresário, com todas as suas explicações e nuances, onde a consultoria e assessoria contábil-fisco-tributária seriam à base do sucesso da empresa.

Então cabe ao contabilista, com o conhecimento aprofundado da gestão contábil, mostrar ao empresário o quanto importante é a contabilidade, como ferramenta de decisão na aquisição de estoque, ativo, contratação de pessoal e investimentos, por isso o contabilista preparado e ativamente atuante junto ao seu cliente é um elemento que pode trazer lucro para empresa.

Diante da necessidade de se ter contabilistas competentes e com perfil empreendedor, foi que surgiram nas instituições de níveis superiores, nesse caso, o curso de Ciências Contábeis, uma formação mais abrangente que contemplasse além da formação especificamente técnica as novas exigências do mercado, entre elas, o ensino de empreendedorismo.

2.4 O ensino superior em ciências contábeis

O ensino superior de contabilidade surgiu da necessidade de acompanhar o processo evolutivo da sociedade em que apresenta características que exigem identificação, estudo e compreensão, e o progresso econômico requer profissionais mais qualificados para atuarem nas empresas. Como consequência, são necessárias condições de ensino para a formação desses profissionais.

Nas palavras de Peleias (2006), o crescimento da competitividade no mundo dos negócios impõe que novas habilidades e competências sejam exigidas dos profissionais para impulsionar o desempenho das empresas, tornando-as mais eficientes. Dessa forma, o mercado de trabalho torna-se altamente seletivo e dinâmico, exigindo das pessoas uma capacidade extrema de assimilar mudanças e adequar-se às novas realidades produtivas.

Atualmente as empresas além da necessidade de mão-de-obra, precisam também de pessoas pensantes, pois os trabalhos manuais e as atividades repetitivas vêm sendo maciçamente substituídos por recursos tecnológicos, cabendo aos indivíduos as tarefas de pensar, raciocinar, interagir com o meio ambiente, tomar decisões e elaborar estratégias.

Conforme Andrade (2002), tendo em vista esta realidade, as instituições de ensino superior precisam estar atentas às necessidades de mudanças, e serem pró-ativas na adaptação dos componentes de suas estruturas educacionais, permitindo uma rápida resposta às demandas de mercado para a formação de profissionais competentes.

As alterações promovidas na legislação educacional nos últimos anos têm buscado direcionar as instituições de ensino superior para a formação global do ser humano, inserido em um contexto profissional e social. Um aspecto que merece destaque diz respeito à flexibilização na organização dos currículos, permitindo que as IES tenham e exerçam maior autonomia na definição de suas estratégias educacionais.

De acordo com Peleias (2006), no caso específico dos cursos de Ciências Contábeis, ainda se vive uma fase de transição de um modelo baseado na Resolução n. 3/1992 para um novo modelo, definido pela Resolução CNE/CES nº 10, de 16 de dezembro de 2004, que instituiu as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Ciências Contábeis. Por ser fruto de um processo de reflexões e discussões pela comunidade contábil acadêmica e profissional, espera-se que sua regulamentação facilite a consecução dos objetivos dos cursos de Ciências Contábeis, em prol da valorização da categoria.

No entanto, um aspecto fundamental para o sucesso dos cursos superiores é compatibilizar as determinações legais com o projeto pedagógico. Essa compatibilização torna a estrutura curricular contida no projeto pedagógico do curso um componente importante da estrutura básica educacional. A combinação de tais fatores oferece o cenário necessário à discussão sobre em que medida a proposta de diretrizes curriculares, inserida na Resolução CNE/CES n. 10/2004, contribuirá para a melhoria no processo ensino-aprendizagem do curso de Ciências Contábeis.

Outro aspecto importante nessa discussão, além da prerrogativa legal, são as exigências do mercado de trabalho, que por vezes impõe outras habilidades e competências que pela rigidez da legislação não são contempladas na formação dos novos contadores. Essas novas competências e habilidades são oriundas da própria dinâmica do mercado e os cursos superiores em contabilidade precisam estar atentos a estas mudanças. É o caso o ensino de empreendedorismo.

Assim, antes de discutir esses fatores, notadamente o do empreendedorismo dentro da contabilidade, torna-se necessário o conhecimento de alguns fatores que norteiam o fenômeno do empreendedorismo, desde os primeiros pensamentos até os dias atuais, o que será visto na próxima subseção deste trabalho.

2.5 O fenômeno do empreendedorismo

O empreendedorismo busca a auto-realização daqueles que utilizam esse método de trabalho, incentivando o desenvolvimento como um todo e o desenvolvimento local, apoiando as empresas, ampliando a base tecnológica, além de criar empregos e evitar armadilhas no mercado que está dividido.

Para Dornelas (2003), algumas situações históricas comprovam que há bastante tempo o espírito do empreendedorismo está presente nos feitos da humanidade, mediante as relações de capital e política. Um dos primeiros conceitos é atribuído a Marco Polo, o qual arriscou formar uma rota de comércio com o Oriente. Marco Polo, empreendedor, firmou contrato com um possuidor de dinheiro, que era designado naquela época de capitalista, a fim de vender as mercadorias deste. À medida que o capitalista assumia perigos passivamente, cabia ao aventureiro empreendedor, de modo ativo, os riscos físicos e emocionais.

Na visão de Dolabela (1999), o empreendedorismo está voltado para atividades empregadas com o objetivo da geração de riquezas a partir da transformação de conhecimentos em produtos e serviços.

Segundo Drucker (1999), o termo empreendedorismo trata de seu uso por pesquisadores para o definirem como um sistema psicológico, econômico e social em que alguns trabalhadores se interagem e se desenvolvem.

No entanto, de acordo com alguns autores (DRUCKER, 1999; PINCHOT, 1989; LEITE, 2002; DORNELAS, 2003; DOLABELA, 1999), foi Jean-Baptiste Say, economista francês, que usou o termo empreendedor pela primeira vez em um ambiente científico, por volta de 1800, para considera aquela pessoa que transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixo para um setor de produtividade mais elevado e de maior

rendimento e reunir todos os fatores de produção e descobrir no valor dos produtos a reorganização de todo capital que ele emprega o valor dos salários, os juros, o aluguel que ele paga, bem como os lucros que lhe pertence.

De acordo com Husadel (2004), o empreendedorismo é uma habilidade que as pessoas criativas têm de criar e desenvolver negócios de forma sistêmica. É também na visão do autor, a habilidade de criar e constituir algo a partir de poucos investimentos. Caracteriza-se então, o empreender é um ato criativo. É o desenvolver de uma organização em oposição a observá-la, analisá-la ou descrevê-la. Mas, é também, a sensibilidade individual para perceber uma oportunidade quando outros enxergam caos, contradição e confusão. É o possuir de competências para descobrir e controlar recursos aplicando-os da forma produtiva.

Dessa forma, o empreendedorismo é tido como um comportamento ou um processo para iniciar e desenvolver um negócio ou um conjunto de atividades com resultados positivos, portanto, é a criação de valor através do desenvolvimento de uma organização.

Segundo Chiavenato (2008), o mundo tem passado por várias transformações cada vez mais rápidas ao longo dos anos, de modo especial no século XX, ao trazer as invenções que mais mudaram o modo de viver da população. Sejam resultantes de criações ou de transformações de pessoas que investiram na criatividade e no empreendedorismo. Essas pessoas fazem com que o mundo tenha acesso a possibilidades até então não arriscadas, daí merecerem ter os seus propósitos estudados e compreendidos.

De acordo com Dornelas (2008), muitas definições administrativas predominaram em determinados períodos, do século XX, motivadas por contextos sociopolíticos, culturais, tecnológico, de desenvolvimento e consolidação do capitalismo, entre outros. Ao iniciar o século, foi o movimento da racionalização do trabalho; nos anos 30, o movimento das relações humanas; nos anos 40 e 50, o movimento do funcionalismo estrutural; na década de 1960, o movimento dos sistemas abertos e na década de 70, a mobilização das contingências ambientais.

Atualmente, não se tem um movimento predominante, mas acredita-se que o empreendedorismo irá, cada vez mais, mudar a forma de se fazer negócios no mundo. Os fatores envolvidos na economia e os meios de produção e serviços também evoluíram, por conseguinte hoje há a precisão de se regulamentar conhecimentos, só alcançados empiricamente no passado. Logo, o destaque do empreendedorismo surge de forma inerente não apenas como uma tendência da moda, mas como um conjunto de competências a serem desenvolvidas pelos novos empresários.

Comenta ainda Chiavenato (2008), que o empreendedorismo é uma forte ação no momento atual, caracterizando a chamada era do empreendedorismo, porque são os empreendedores que estão retirando tudo o que possa representar empecilho: empecilhos comerciais e culturais, reduzindo distâncias, modificando os conceitos econômicos, estabelecendo novas relações trabalhistas e novos empregos, impedindo paradigmas da economia, a era da Internet, mostrou recentemente e ainda se tem apresentado que a inovação de ideias, know-how, planejamento adequado e, principalmente, uma grupo que apresente competência e motivação elementos poderosos que, quando somados na hora adequada, acrescidos do o capital geram negócios eficazes num breve tempo, o que era considerado impossível há tempos atrás.

Portanto, o aparecimento de empreendedores tem sido cada vez mais frequente, pois isso é extremamente viável para a nova economia, daí a capacitação de novos empreendedores tem sido cada vez maior Brasil e em outros países ao observarmos os investimentos feitos por escolas e universidades que promovem cursos e disciplinas que abordam essa questão como alternativa de capacitação dos futuros profissionais saídos de cursos técnicos e universidades.

Segundo Dornelas (2008), o empreendedorismo destaca-se nas políticas públicas de diversos países desde a década de 90, o que pode ser observado nas ações implementadas. Os primeiros estudos do projeto Global Entrepreneurship Monitor, já mostravam vários exemplos disso. No final de 1998, o Reino Unido mostra a sua competitividade num relatório o qual destaca que são necessárias ações para melhorar a o empreendedorismo na região.

Um número crescente de programas que destinam recursos financeiros e apoio para a criação de novas empresas tem sido implementado na Alemanha. Visto que, na década de 1990, aproximadamente 200 centros de inovação foram estabelecidos, provendo espaço e outros recursos para empresas iniciantes.

Ainda de acordo com Dornelas (2003), para incentivar a formação de novas empresas criou-se em 1995, o decênio do empreendedorismo na Finlândia. Coordenado pelo Ministério de Comércio e Indústria, visando a ações como criação uma sociedade empreendedora, promoção do empreendedorismo para geração de emprego e incentivo à criação de novas empresas. Em Israel, para absorver os imigrantes, iniciativas têm sido criadas por meio do Programa de Incubadoras Tecnológicas, onde mais de quinhentos investimentos surgiram nas 26 incubadoras envolvidas. Existiu, também, um grande número de investimento de

capital de risco nas empresas locais, embora mais de cem empresas surgidas em Israel tenham suas ações na Nasdaq (Bolsa de ações de empresas de tecnologia nos Estados Unidos).

Na França, visa-se à promoção do ensino de empreendedorismo nas universidades, para engajar os estudantes, onde se criam incubadoras com sede nas universidades além do surgimento de uma competição nacional para novas empresas de tecnologia e do estabelecimento de uma fundação de ensino do empreendedorismo.

Para Dornelas (2008), a busca pelo empreendedorismo vai além das ações governamentais, chegando às multinacionais em todo o mundo. Em 1998, a Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) publicou o informe "Fostering the Entrepreneurship: A Thematic Review", almejando compreender o nível de crescimento do empreendedorismo em todos os países da OECD reconhecendo quais políticas poderiam ser mais viáveis para intensificar o empreendedorismo naqueles países. Em 1998, a Comissão Européia apresentou um relatório para seu Conselho de Ministros, "Fostering Entrepreneurship: Priorities for the Future". Comprometendo-se a simplificar a abertura de novas empresas, facilitar o acesso ao crédito, e desenvolver um senso de empreendedorismo na região. Existe uma ideia de que o poder econômico da Europa está relacionada à competitividade e audácia de seus novos empresários. Ainda se destaca o Fórum Econômico Mundial, patrocinador da conferência anual de Davos, em que recentemente o assunto empreendedorismo foi discutido como interesse de todos.

Dessa forma, Dornelas (*op cit*) mostra que a explicação para a focalização desses países no empreendedorismo pode ser obtida ao se analisar o que ocorre nos Estados Unidos. Trata-se do principal exemplo de responsabilidade nacional com o empreendedorismo e o desenvolvimento econômico, pois tanto há inúmeras iniciativas dos governos locais e de organizações privadas que encorajam e apoiam o empreendedorismo nos Estados Unidos como o governo americano investe centenas de milhões de dólares a cada ano em programas de incentivo ao empreendedorismo. Os outros países veem esses programas como modelo, tendo em vista o sucesso obtido pelos mesmos ao visarem ao crescimento das atividades empresariais, esse fato pode ser percebido no Reino Unido, que criou em 1999 a Agência de Serviços para Pequenas Empresas, nos moldes do SBA (Small Business Administration) americano.

Com isso Dolabela (1999), diz que a conjunção de um intenso dinamismo empresarial e rápido crescimento econômico, somados aos baixos índices de desemprego e às baixas taxas de inflação ocorridos, por exemplo, na década de 1990 nos Estados Unidos,

aparentemente aponta para uma única conclusão: o empreendedorismo é o combustível para o crescimento econômico, criando emprego e prosperidade.

Para esse autor todos estes fatores levaram um grupo de pesquisadores a organizar, em 1998, o projeto GEM - Global Entrepreneurship Monitor, uma iniciativa conjunta do Babson College, nos Estados Unidos, e da London Business School, na Inglaterra, com o objetivo de se medir a atividade empreendedora dos países e se observar seu relacionamento com o crescimento econômico. Este pode ser considerado o projeto mais ambicioso e de maior impacto até o momento no que se refere ao acompanhamento do empreendedorismo nos países.

Relata Dolabela (1999), que trata-se de uma iniciativa pioneira, sem precedentes e que tem trazido novas informações a cada ano sobre o empreendedorismo mundial e também em nível local para os países participantes. O número de países participantes do GEM cresceu de 10, em 1999, para mais de 30, em 2000, chegando a 41, em 2003. Uma das medidas efetuadas pelo estudo do GEM refere-se ao índice de criação de novos negócios, denominado Atividade Empreendedora Total. Seu propósito é medir a dinâmica empreendedora dos países e acaba por definir um ranking mundial de empreendedorismo, que vem crescendo a cada dia.

É importante saber que no Brasil não foi diferente a chegada dessa nova tendência, por isso, É preciso ressaltar o interesse pelas empresas brasileiras privadas ou públicas pelo fenômeno do empreendedorismo.

2.6 O empreendedorismo no Brasil

A exemplo de outros países, o empreendedorismo no Brasil, trouxe um novo ritmo de competitividade entre as empresas, fazendo com as mesmas voltassem a crescer. Foi com o empreendedorismo que o país voltou a se desenvolver, permitindo em alguns anos estabilidade, planejamento e respeito no cenário econômico.

De acordo com Marcovith (2003), o interesse pelo empreendedorismo se deu pela grande importância para as iniciativas privadas e governamentais, pois todos consideram o empreendedorismo como grande movimento propulsor da economia.

No Brasil, o empreendedorismo tem início com os colonizadores portugueses, em 1500. Após a descoberta do Brasil os portugueses analisavam o que podia ser explorado, ou seja, quais oportunidades aquelas terras proporcionariam a Portugal, encontraram no Pau-Brasil a primeira forma de empreender, depois vieram à cana de açúcar, os minérios e o café. A partir do momento em que o Brasil deixa de ser colônia, existe uma preocupação da iniciativa privada em desenvolver novas tendências para atender mercados ainda inexploráveis daquela época. (MARCOVITH, 2003),

Na visão do autor não eram fáceis os caminhos para os antigos empreendedores brasileiros. Os empreendedores tinham que se adequar às estruturas e tecnologias da época, ruas de terra, cavalos e charretes como meio de transporte, trens roceiros, tecnologia pouco avançada e o crédito escasso e o quase inalcançável apoio aos seus esforços.

Marcovith (*op cit*), em seus textos retrata o difícil caminho do desenvolvimento do Brasil, onde ele encontra os pioneiros do empreendedorismo no país, considerando apenas o êxito econômico alcançado, mas também características e singularidades de cada empreendedor.

Os primeiros indícios de empreendedorismo iniciaram em 1880 com descobertas grandes feitos econômicos que mudaram a sociedade brasileira. Entre vários empresário-empresários da época, de destacaram aqueles que foram pioneiros da construção civil em São Paulo; no jornalismo a exemplo dos fundadores do Jornal Estado de São Pau que circula até os dias de hoje, também aqueles que foram pioneiros na abertura das fronteiras agrícolas de São Paulo e empreendedor do comércio; em 1900 surgiu em São Paulo os empreendedores no setor industrial entre muitos outros. (MARCOVITH, *op cit*).

Segundo Hirsch apud Vargas (2007), no Brasil, o empreendedorismo começou a ganhar força na década de 1990, durante a abertura da economia. A entrada de produtos importados ajudou a controlar os preços, uma condição importante para o país voltar a crescer, mas trouxe problemas para alguns setores que não conseguiam competir com os importados, como foi o caso dos setores de brinquedos e de confecções, por exemplo. Para ajustar o passo com o resto do mundo, o país precisou mudar. Empresas de todos os tamanhos e setores tiveram que se modernizar para poder competir e voltar a crescer. O governo deu início a uma série de reformas, controlando a inflação e ajustando a economia, em poucos anos o País ganhou estabilidade, planejamento e respeito. A economia voltou a crescer principalmente no ano 2000, onde surgiram novos postos de trabalho. Portanto, Investidores de outros países voltaram a aplicar seu dinheiro no Brasil e as exportações aumentaram conseqüentemente uma empregabilidade maior de trabalhadores.

Corrobora com esse contexto Dornelas (2001), que a partir do século XX, além da abertura da economia, outro fator importante para o avanço do empreendedorismo no Brasil deve-se as iniciativas privadas e governamentais que começam a ver o empreendedorismo como aliado para combater o desemprego e gerar oportunidades para as economias dos países.

Essas iniciativas vieram a partir da criação de entidades como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae e a Sociedade Brasileira para Exportação de Software - Softex. Até esse momento não se falava em empreendedorismo e na criação de pequenas empresas. Os cenários político e econômico nacionais não eram propícios, e o empresário não tinha informações para ajudá-lo num projeto empreendedor. O Sebrae é, pois, uma das instituições mais conhecidas do pequeno empresariado brasileiro, ao qual busca todo o suporte de que precisa para iniciar sua empresa, mas também consultorias para a resolução de pequenas dificuldades de seu negócio. (DORNELAS, 2001).

Ainda de acordo com Dornelas (*op. cit*), Já a Softex apresenta o seu histórico condizente com o histórico do empreendedorismo no Brasil nos anos 90. Criada com a intenção de levar, ao mercado externo, as empresas de software nacionais através de inúmeros atos que permitiam ao empresário de informática se capacitar em gestão e tecnologia.

Segundo Dornelas (2008), o Brasil entrou no novo milênio com grande força para desenvolver um dos maiores programas de ensino de empreendedorismo de todo mundo, em virtude da criação de programas criados no âmbito da Softex em todo país, junto a incubadoras de empresas e a universidades e cursos de ciências da computação informática, comparável apenas aos Estados Unidos, onde mais de 1.500 escolas ensinam empreendedorismo. Foi assim que o tema empreendedorismo começou a despertar na sociedade brasileira.

De acordo com Dornelas (2008, p. 11) são exemplos de algumas ações que visam desenvolver o empreendedorismo no Brasil os:

1. Os programas Softex e GÊNESIS (Geração de Novas Empresas de Software, Informação e Serviços), criados na década de 1990 e que até há pouco tempo apoiavam atividades de empreendedorismo em software, estimulando o ensino da disciplina em universidades e a geração de novas empresas de software .
2. O programa Brasil Empreendedor, do Governo Federal, que foi dirigido à capacitação de mais de 6 milhões de empreendedores em todo o país, destinando recursos financeiros a esses empreendedores, totalizando um investimento de R\$8 bilhões. Este programa vigorou de 1999 até 2002 e realizou mais de 5 milhões de operações de crédito.

3. Ações voltadas à capacitação do empreendedor, como os programas EMPRETEC e Jovem Empreendedor do Sebrae, que são líderes em procura por parte dos empreendedores e com ótima avaliação.

Ainda de acordo com autor:

4. Os diversos cursos e programas sendo criados nas universidades brasileiras para o ensino do empreendedorismo. É o caso de Santa Catarina, com o programa Engenheiro Empreendedor, que tinha como objetivo capacitar alunos de graduação em engenharia de todo país. Destaca-se também o programa Ensino Universitário de Empreendedorismo, da CNI (Confederação Nacional das Indústrias) e IEL (Instituto Euvaldo Lodi), de difusão do empreendedorismo nas escolas de ensino superior do país, presente em mais de duzentas instituições brasileiras.

5. Houve ainda um evento pontual que depois se dissipou, mas que também contribuiu para a disseminação do empreendedorismo. Trata-se da explosão do movimento de criação de empresas ponicom no país nos anos de 1999 e 2000, motivando o surgimento de várias entidades como o Instituto E-cobra, de apoio aos empreendedores, com cursos, palestras e até prêmios aos melhores planos de negócios de empresas start-ups de Internet, desenvolvidos por jovens empreendedores.

6. Finalmente, mas não menos importante, o enorme crescimento do movimento de incubadoras de empresas no Brasil. Dados da ANPROTEC (Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas) mostram que, em 2000, havia 280 incubadoras de empresas no país, totalizando mais de 1.700 empresas incubadas, que geram mais de 28 mil postos de trabalho (DORNELAS, 2008, P.11).

Todas essas ações são fundamentais para os empreendedores brasileiros que apesar das dificuldades são muito importantes para a economia do país. No entanto, é necessário que outras iniciativas adotadas pelo governo resgate o avanço por parte das iniciativas privadas e de entidades não-governamentais, valorizem a capacidade empreendedora dos brasileiros e solucionem os problemas apontados no Relatório Global Monitor – GEM – Monitor Global do Empreendedorismo, organizado pelo Babson College, EUA e London School of Business, Inglaterra, e realizado em 29 países.

Para o Sebrae (2006), as micros, pequenas e médias empresas exercem papel fundamental na economia de qualquer país. Pois elas são responsáveis pela geração de grande parte dos empregos formais e informais, de uma fração importante das exportações e do PIB de um país.

Segundo pesquisas do SEBRAE (2006) as exportações brasileira tiveram, em 2006, grande desempenho, atingindo o percentual de 16,3% em relação ao ano de 2005, alcançando o

montante de US\$ 137,6 bilhões. Foi o quarto ano seguido de forte crescimento, acumulando no período uma alta de 22,9% a.a. Entretanto, pelo segundo ano consecutivo, registrou-se uma queda do número total de empresas exportadoras, que se reduziu para 19.956 firmas, com queda de 2,6% em relação a 2005.

Naquele ano, já se havia registrado uma queda da mesma magnitude em relação a 2004, ano em que o número de empresas exportadoras chegou a 21.031. A redução do número de empresas exportadoras atingiu de forma especial as micro e pequenas empresas. Em 2006, foram identificadas 12.998 empresas exportadoras desse porte, o que representou queda de 4% comparativamente a 2005 – levando-se em consideração que, naqueles anos, já se havia registrado uma redução de 4,4% em relação a 2004. Na verdade, os último dois anos foi observado uma inversão da tendência observada desde 1999. Desde aquele ano, vinha-se registrando um aumento firme e sustentado do número de micros e pequenas empresas exportadoras, que passaram de 8.854 em 1998 para recorde de 14.154 em 2004, com crescimento mais de duas vezes superior ao do número de empresa médias e grandes portes.

Mesmo assim, de acordo com o Sebrae (2006), o valor total exportado por essas empresas cresceu em 2006: +2,4% nas microempresas, atingindo o montante de US\$ 148,5 milhões, e 6,1% nas pequenas, com US\$ 1,76 bilhões. O desempenho dessas empresas, foi considerado razoável em comparação com o das empresas de maior porte. Por sua vez, as exportações empresas de grande porte tiveram aumento de 12,7%, chegando a arrecadar cerca de US\$ 100 bilhões. Nos anos anteriores o crescimento das exportações das micros e pequenas empresas também havia sido inferior ao das demais, mas a diferença de desempenho foi detectada claramente no ano de 2006. Em consequência, a participação das dessas empresas no total das exportações brasileiras vem sofrendo baixas gradativamente nos anos antecedentes.

Conforme relata o Sebrae (2006) às micros e pequenas empresas após alcançar um de 2,3% em 1999, elas passaram a representar apenas 1,4% em 2006.

Esse quadro veio mudar após crescimento das exportações nos anos de 2005 e 2006, o crescimento foi de 5,8% entre as microempresas, alcançando US\$ 24,9 mil, e de 11,3% entre as pequenas, chegando a US\$ 250 mil. Esse movimento representa a continuidade do que se verificou entre 2002 e 2005, quando o valor médio exportado pelas micros e pequenas empresas cresceu a taxas anuais semelhantes às registradas em 2006 – e contrastando com as quedas verificadas nos anos entre 1998 e 2002.

A partir dessas iniciativas, novos olhares foram dados à questão do empreendedorismo, incluindo-se dessa forma, a formação empreendedora nos cursos universitários que vem crescendo gradativamente.

2.7 O ensino do empreendedorismo em cursos universitários

As instituições de ensino superior devem estar atentas com as transformações, no mercado de trabalho, visando adequar a qualificação e a preparação dos alunos no âmbito do trabalho e dos negócios, em especial para a constituição de empresas.

Para Drucker (1998), a formação empreendedora exige uma prática pedagógica diferenciada e atualizada. Evita-se intencionalmente a palavra ensino, porque ainda não existe resposta científica sobre a possibilidade de se ensinar alguém a ser empreendedor. Sabe-se, contudo, que é possível aprender a ser empreendedor. As disciplinas de formação empreendedora devem ser elaboradas a partir do desafio de se introduzir novos conteúdos e novos processos didáticos que superem obstáculos à inovação. Além do mais, as disciplinas devem ter vínculos com o mercado, com a sociedade e com os empreendedores. As experiências acadêmicas devem ser ricas e memoráveis para os alunos na construção do conhecimento para o futuro exercício profissional, com ética e responsabilidade social.

Conforme Farrel (1993), a educação na área do empreendedorismo cresce rapidamente em faculdades e universidades nos Estados Unidos e na Europa. Muitas dessas universidades oferecem pelo menos um curso de graduação ou pós-graduação, e algumas têm uma pequena ou grande concentração na área.

Embora os cursos de empreendedorismo variem de acordo com a universidade, há muitas coisas em comum, em especial nos cursos iniciais neste campo na área de estudo. Esses cursos tendem a refletir objetivos globais para um curso na área de empreendedorismo. Também tendem a concentrar-se na identificação e avaliação de habilidades; compreensão da tomada de decisão de empreender do processo econômico em uma base doméstica.

Alguns objetivos em comum dos cursos de empreendedorismo segundo Hisrish (2004), são os de compreender o papel de empresas novas e menores na economia, os pontos fracos e fortes relativos a diferentes tipos de empresas, avaliarem as habilidades empreendedoras do próprio aluno, saber como administra e desenvolver um novo empreendimento e

compreender o papel do empreendedorismo em organizações já existentes inclusive os aspectos da criação e da apresentação de um plano de negócios.

Esses objetivos formam a base de qualquer abordagem modular para um curso de graduação ou pós-graduação em empreendedorismo. Essa abordagem ajuda a garantir que as áreas mais importantes do campo sejam cobertas nos cursos oferecidos, seja em trimestre, semestre, em um curso ou em uma série de cursos.

Corroborando com o autor Ferreira (1997), diz que um dos objetivos centrais da disciplina empreendedorismo é despertar o aluno para a área de empreendedorismo, motivando-o a criar a sua empresa ou a gerar o próprio emprego. Isto não significa que a metodologia pretenda que o aluno abra o próprio negócio logo após a disciplina.

Com isso, o que se pretende é que o aluno possa incorporar ao seu potencial a opção de geração do auto-emprego e que persiga tal objetivo durante a sua evolução profissional. Quando ele ou ela irá abrir o seu próprio negócio será uma questão pessoal, de amadurecimento, aprendizagem, desenvolvimento da sua visão, percepção e capacidade de aproveitamento de uma oportunidade.

Na opinião de Silva (2005), o empreendedorismo é visto como um modismo, ele acredita que as faculdade e universidades procuram de formas incessantes por novidades, ou seja, aquilo que mais vende que mais impressiona. Em se tratando de empreendedorismo, a abertura de novos negócios, independência financeira e ser seu próprio patrão, são à vontade de milhares de pessoas que estão propensas a estudar o assunto em busca de um sonho. Mas às vezes esse sonho pode acabar mais como uma frustração do que em satisfação.

Para Fillion (1999), empreendedorismo não pode ser ensinado como se ensinam outras matérias. É preciso adotar uma metodologia direcionada mais ao desenvolvimento do que ao conceito, ou seja, o auto conhecimento . Salienta o autor, que não se deve esperar que, ao final dos cursos de empreendedorismo, os alunos estejam prontos para montar seu próprio negócio e sim que possuam o instrumental para se auto-desenvolver como futuros empreendedores.

Sabendo da importância de se estudar o empreendedorismo, as universidades brasileiras também investiram na formação empreendedora de seus alunos, no intuito de prepará-los para a tomada de decisões após a conclusão do curso, por exemplo: constituir sua própria empresa.

2.8 O ensino do empreendedorismo no Brasil

O ensino de empreendedorismo nas instituições universitárias rompe padrões na nossa tradição didática, tendo em vista abordar o saber como consequência dos atributos do indivíduo. Por isso na sala de aula, elementos como atitude, comportamento, emoção, sonho, individualidade, juntam-se com o saber.

De acordo com Filion (1999), estudar empreendedorismo e a formação empreendedora é tema que tem prioridade em todas as universidades importantes do mundo, e no Brasil não é diferente. Um grande número de educadores reconhece que o atual sistema de ensino enfatiza a aquisição do conhecimento e não se preocupa com o desenvolvimento de habilidades específicas para o uso produtivo desse conhecimento. As metodologias tradicionais de ensino, portanto, não enfocam o desenvolvimento da cultura empreendedora.

No entanto, o empreendedorismo ainda é muito novo no campo acadêmico, a implementação de cursos voltados para o assunto justifica-se pela crescente conscientização e tomada de posição por parte das universidades no sentido de proporcionar aos estudantes competências que possibilitem não só a sua inserção no mercado do trabalho, mas também sua sobrevivência e empregabilidade em uma sociedade altamente competitiva.

Segundo Dolabela (1999a), o principal objetivo do ensino do empreendedorismo é orientar a formação de empreendedores no mundo moderno por ser fundamental prepara pessoas pró-ativas que aprendam a agir por conta própria, com criatividade, espírito de liderança e visão de futuro, para inovar e ocupar seu espaço no mercado.

Nesse sentido, espera-se que o sistema de ensino enfatize a aquisição de conhecimento, dando pouco enfoque no desenvolvimento de habilidades específicas para o uso prático desses conhecimentos. A metodologia instrucional atualmente dominante não enfoca o desenvolvimento da cultura empreendedora e pouco se valoriza a ambigüidade e o exercício da prática de definir problemas e projetar soluções.

Dessa forma, o estudo do empreendedorismo pode, e muito auxiliar os alunos dos cursos superiores, pois a característica de um empreendedor é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento profissional de qualquer área, sendo ele uma pessoa que já nasceu com características empreendedoras ou não. A disciplina do empreendedorismo servirá no mínimo como uma atividade desafiadora para o aparecimento, desenvolvimento e talvez a

criação de habilidades especiais, para que o aluno possa conhecer sua real vocação, ter o domínio de si próprio, saber qual perfil profissional.

Para Dolabela (2001), objetivo do ensino de empreendedorismo é conscientizar o aluno, para que ele se torne predisposto a abrir o seu próprio negócio em algum momento de sua vida e não imediatamente após deixar a universidade. No entanto, sobre a possibilidade de se ensinar alguém a ser empreendedor, é um tanto complexo, mas sabe-se que é possível que alguém aprenda a sê-lo em determinadas circunstâncias que sejam favoráveis ao auto-aprendizado.

Diante essa afirmação citada argumenta ainda Filion (apud DUTRA et al, 2001), que:

para saber se o empreendedorismo pode ser ensinado, devemos adaptar a abordagem pedagógica à lógica de cada disciplina ou campo de estudo. A meu ver, não se pode ensinar empreendedorismo com se ensinam outras matérias. Mas o empreendedorismo se aprende. É possível conceber programas e cursos como sistemas de aprendizado adaptados à lógica desse campo de estudo. A abordagem aqui deve levar o aluno a definir e estruturar contextos e compreender várias etapas de sua evolução(FILION (apud DUTRA et al, 2001, p. 172).

A pesar dos universitários brasileiros terem muito talento e idéias geniais, ainda falta uma base sólida, ainda durante os cursos, para que se sintam seguros de poder tocar uma empresa ou gerenciá-la. Eles contam, muitas vezes apenas com o acolhimento de entidades extra-classe. Desta forma, pode-se afirmar que qualquer pessoa pode aprender a características empreendedoras, porém é necessário o conhecimento e a prática dessas características que terão que se tornar hábitos freqüentes dos candidatos a empreendedores.

Diante do exposto, percebe-se que o empreendedorismo exerce grande ligação com a contabilidade, isso reflete para a conscientização dos alunos de contabilidade, o quanto é importante essa ligação para a concepção de visão inovadora no exercício de sua função de contador após concluir o curso.

2.9 A contabilidade e empreendedorismo

Para se abrir uma empresa é necessário os serviços de um profissional de contabilidade para fazer os registros dos bens e o planejamento fiscal, pois os empreendedores estão preocupados não só nos lucros da empresa, mas também na permanência dela no mercado.

Para Chiavenato (2008), quando se pensa em abrir uma empresa o empreendedor precisa de tempo e dinheiro, precisa também planejar custos e de orientações burocráticas. O papel do contador é indispensável ao empreendimento desde o momento da sua criação e durante toda sua existência para garantir o sucesso do empreendimento. A contabilidade é uma fonte de informação segura e confiável orientando o negócio no gerenciamento dos custos, giro de capital e planejamento tributário. O contador deve estar preparado para orientar seus clientes desenvolvendo com estes uma relação de confiança e orientando o empreendedor de forma estratégica para sobreviver no mercado.

O contador que possuir visão empreendedora estará mais capacitado a atender as necessidades do mercado de trabalho em que atua, pois terá melhor compreensão dos processos mercadológicos e ambientais que cercam o empreendimento desde o momento de sua concepção.

Nasi (1994) apud Marion (2003, p. 33-34) afirma que:

O contador está no centro e na liderança do processo, pois do contrário, seu lugar vai ser ocupado por outro profissional. O contador deve saber comunicar-se com as outras áreas da empresa. Para tanto, não pode ficar com os conhecimentos restritos aos temas contábeis e fiscais. O contador deve ter formação cultural acima da média, inteirando-se do que acontece ao seu redor, na sua comunidade, no seu Estado, no seu País e no mundo. O contador deve participar de eventos destinados a sua permanente atualização profissional. O contador deve estar consciente da sua responsabilidade social e profissional.

Nesse sentido, o espírito empreendedor deve fazer parte do contador para que possa está mais capacitado a atender as necessidades do mercado de trabalho em que atua, pois terá melhor compreensão dos processos mercadológicos e ambientais que cercam o empreendimento desde o momento de sua concepção.

Diante do exposto, mais do que nunca, o contador deve ter formação empreendedora. O contador deve participar desse processo de forma mais dinâmica compreendendo todos os

aspectos que envolvem o empreendedorismo para assim estar apto a fornecer ao empreendimento informações hábeis e necessárias que os ajude a manter-se no mercado.

Para Dornelas (2008), fica evidente a importância para o contador de uma educação empreendedora, já que todas as ações propostas no ensino do empreendedorismo são de interesse do campo contábil. O estudo do processo empreendedor e outros fatores como elaboração de um plano de negócio, identificação de oportunidades, planejamento, tendências mercadológicas entre outros fatores desdobram-se em conteúdo de suma importância tanto ao empreendedor quanto ao contador, pois se trata do mercado de atuação contábil propriamente dito. A implantação da disciplina de Empreendedorismo no Curso de Ciências Contábeis pode dar ao aluno a oportunidade de aprender e refletir profundamente sobre o assunto.

Nesse contexto que a contabilidade segundo Peres apud Marion (2003), é mais que preparar rotinas como balanços e outras operações contábeis que podem ser perfeitamente feitas por um programa de software. A contabilidade deve ser um instrumento de informação que nas mãos do contador empreendedor traga soluções para a empresa permanecer no mercado. A importância que o empreendedorismo representa para a contabilidade é também auxiliar na competitividade dentro do mercado de trabalho contábil.

Pois de acordo com Gil (2006), o ambiente de atuação contábil evoluiu, devido ao avanço da informatização, modernização das práticas contábeis, crescimento das vagas na universidade onde os formados em contabilidade passaram de 100 a 300 mil contadores formados no final do século XX para 500 mil contadores formados na primeira década do século XXI.

Portanto, para enfrentar o novo mercado o profissional contábil precisa de um diferencial que o faça se sobressair e explorar as áreas afins da contabilidade aumentando seu campo de atuação. O empreendedorismo abre para o contador uma opção a mais para este enfrentar o concorrido campo de trabalho que se abre diante de si.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Quanto à abordagem do problema

A pesquisa quanto à abordagem do problema é de natureza qualitativa por apresentar dados qualitativos, os quais foram analisados de forma indutiva e quantitativa por utilizar meios numéricos que serviram de recurso na representação de opiniões.

De acordo com Gil (2002), os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais. E segundo Souza, *et al*, (2007), a pesquisa quantitativa tem como principal qualidade a precisão dos resultados, sobretudo utilizados em estudos descritivos, que procuram descobrir e classificar a relação de causalidade entre as variáveis da hipótese estabelecida, bem como estabelecer a causalidade entre os fenômenos.

3.2 Quanto aos meios

Quanto aos meios, constitui-se de uma pesquisa bibliográfica realizada através de livros, artigos científicos, sites da internet, revistas, dicionário, apostilas e outras fontes secundárias de informação.

De acordo com Souza, *et al* (2007), a pesquisa bibliográfica consiste da obtenção de dados através de fontes secundárias, utiliza como fontes de coleta de dados materiais publicados como: livros, periódicos científicos, revistas, jornais, teses, dissertações, materiais cartográficos e meios audiovisuais, etc.

Caracteriza-se também como pesquisa de campo, visto que a pesquisa foi desenvolvida junto aos alunos do 9º período do curso de Ciências Contábeis da UFCG Campus Sousa - PB.

Segundo Ruidi (1999), este método possibilita estudar um determinado grupo para examinar aspectos variados de sua vida. A utilização deste método justifica-se pelo interesse em identificar a percepção de um grupo de alunos sobre o Empreendedorismo na formação de profissionais em contabilidade.

3.3 Quanto aos fins

A pesquisa consiste numa abordagem descritiva, por descrever os fatos da investigação através de observações e levantamento de dados. Na concepção de Andrade (2002), a pesquisa descritiva preocupa-se em observar os fatos, registrá-los, analisá-los, classificá-los e interpretá-los, e o pesquisador não interfere neles. Assim, os fatos físicos e humanos do mundo são estudados pelo pesquisador, contudo, não são manipulados.

Na identificação da percepção dos alunos sobre o Empreendedorismo na formação de profissionais de contabilidade, a perspectiva descrita está implícita, já que na exposição e discussão dessas percepções a descrição é um procedimento elementar.

3.4 Instrumento e procedimento de coleta de dados

O presente estudo foi desenvolvido mediante uma pesquisa de levantamento, através de aplicação de um questionário estruturado, contendo (12) questões objetivas e subjetivas, com o propósito de identificar a percepção do estudo do empreendedorismo na formação acadêmica dos alunos que estão cursando o 9º período do Curso em Ciências Contábeis da Instituição estudada.

Segundo Rea (2002 *apud* Lopes, 2006) a elaboração do instrumento de pesquisa ou questionário é um componente crucial do processo de pesquisa, pois envolve a busca pelo alcance dos objetivos propostos no trabalho. Assim, o questionário foi dividido em 04 partes. A primeira visa traçar um perfil dos entrevistados, a segunda identificar como os formandos

entendem o conceito de Empreendedorismo. A terceira parte busca mostrar como os formando entendem a relação do empreendedorismo no curso de contabilidade e a quarta e última parte identificar a percepção dos formandos em relação à formação empreendedora no Curso de Ciências Contábeis. .

Como procedimento de coleta de dados foi escolhido a técnica de entrevista. Segundo Hil (2005), as entrevistas podem ser de três tipos: estruturada (quando o pesquisador faz um roteiro a ser seguido), semi-estruturada (quando o pesquisador se guia apenas pelos objetivos da pesquisa), livre (quando o pesquisador não elabora nenhum apoio para sua realização). Tem a função de coletar informações de forma conversacional, formal ou informalmente, de um indivíduo ou grupo, sobre uma determinada situação, fato ou fenômeno.

Aliando o questionário a entrevista, optou-se pela entrevista estruturada, já que a pesquisadora utilizou-se de um roteiro previamente estabelecido para a coleta dos dados.

3.5 População e amostra do estudo

Como população da pesquisa foram escolhidos os alunos matriculados no 9º período do curso de Ciências Contábeis da UFCG Campus Sousa – PB, tendo em vista a relevância da instituição no cenário educacional da região.

Segundo Santos (2000), baseia-se na interrogação direta de pessoas, cujo comportamento se pretende conhecer. Essencialmente, procede-se à solicitação de informações a um grupo determinado de pessoas a respeito de um problema específico.

A amostra foi feita com 40 alunos de um universo de 60 matriculados no 9º período do curso de Ciências Contábeis da instituição pesquisada. Optou-se nesse estudo pela amostragem não-probabilística por conveniência. A escolha pela amostragem não-probabilística foi devido à dificuldade de entrevistar todo o universo, pois muitos alunos estão deslocados no curso, ou abandonaram o período no momento da efetivação da pesquisa de campo.

3.6 Análise dos dados

Depois da coleta, os dados alimentaram uma planilha eletrônica para posterior análise dos resultados. Esta etapa foi realizada a partir da planilha eletrônica da Microsoft, o programa EXCEL, para elaboração de quadros, tabelas e gráficos com a descrição das informações das entrevistas realizadas. Com as informações organizadas procedeu-se a análise e interpretação desses dados.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nessa seção, serão apresentados os resultados obtidos através de uma entrevista estruturada e a aplicação de um questionário, realizado com 40 estudantes do Curso de Ciências Contábeis da UFCG campus de Sousa-PB, cursando o 9º período.

Na primeira parte do questionário são apresentados os dados referentes à caracterização dos entrevistados, ou seja, os dados demográficos dos mesmos como: gênero, faixa-etária, se foi aluno de escola pública, privada ou se estudou tanto na pública quanto na particular, naturalidade, ocupação profissional e renda. Nas seções posteriores serão apresentados os resultados referentes à percepção desses alunos a cerca do Empreendedorismo e suas formações.

Para uma maior compreensão sobre os resultados da pesquisa, resgatar-se-á os objetivos específicos com intuito de apresentar os resultados de acordo com cada objetivo pretendido.

4.1 Perfil dos Formandos



Gráfico 1- Gênero dos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

O gráfico 1 mostra o percentual em relação ao gênero dos alunos que fizeram parte da pesquisa e verifica-se que dos 40 alunos entrevistados, 19 são do gênero feminino que equivale a 48%, sendo que o maior índice conforme o gráfico, pertence aos do gênero masculino com 52% ou seja, 21 do total dos entrevistados.

A aproximação dos percentuais segundo comentários dos próprios entrevistados, provavelmente deve-se ao fato de ser um curso que proporciona oportunidades iguais no mercado de trabalho, tanto para homens quanto para mulheres, despertando dessa forma, o interesse pela escolha do curso.

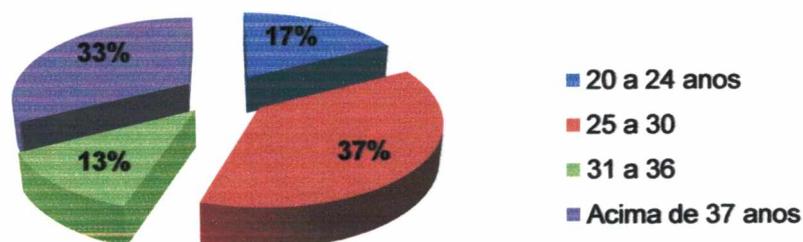


Gráfico 2- Faixa-etária dos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

O gráfico 2 mostra que segundo a faixa-etária dos alunos que estão cursando o 9º período do curso de Ciências Contábeis que foram entrevistados, são bastante diversificadas.

Os alunos com idades entre 20 e 24 anos representam 17%, e os que têm idades entre 31 a 36 anos corresponde a 13%, porém há uma representação maior daqueles que estão com idades entre 25 a 30 e aqueles que estão acima de 37 anos, com pequeno destaque, conforme o percentual indicado no gráfico que é de 37% dos entrevistados estão com idades entre 25 a 30.

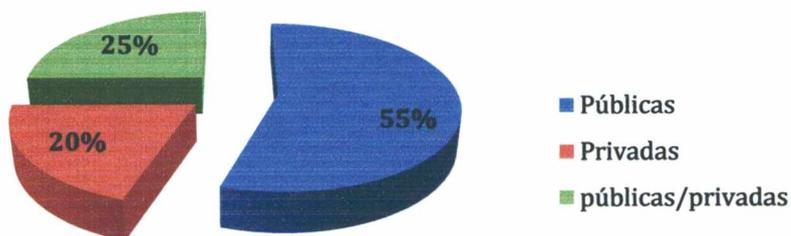


Gráfico 3- Se estudou em escolas públicas, privadas ou parte em públicas e parte privadas

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

Sobre se os alunos entrevistados estudaram em escolas públicas, privadas ou em ambas, conforme o gráfico 3 20% vieram de escolas privadas, 25% vieram tanto de escolas públicas quanto de particulares, sendo que, a maioria dos alunos envolvidos na pesquisa viveram toda vida escolar em instituições públicas, que corresponde o percentual de 55% do total.

Porém, os dados encontrados nesta pesquisa não devem traçar o perfil de todos os alunos do curso de ciências Contábeis da instituição estudada, pois, a pesquisa refere-se aos alunos que estão cursando apenas o 9º período.

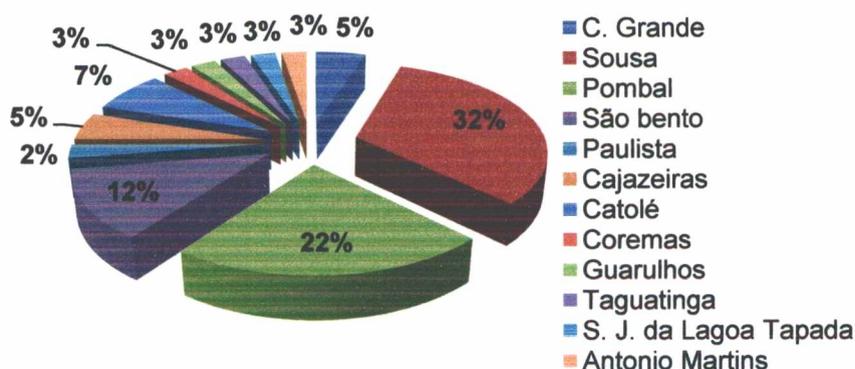


Gráfico 4 – Quanto à naturalidade dos entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

De acordo com os percentuais apresentados no gráfico 4, a naturalidade dos alunos entrevistados d 9º período do curso de Ciências Contábeis da instituição estudada, verifica-se que há uma diversidade considerável. Entre as 11 cidades citadas, 9 delas apresentam percentuais entre 2% a 12% respectivamente, porém a representação maior de alunos que

estudam no 9º período do curso de Ciências Contábeis da instituição estudada são das cidades de Sousa com 32% e de Pombal com 22%.

Segundo opiniões dos entrevistados, a diversidade de alunos de outras regiões, deve-se ao fato de não existir universidades com o curso de Ciências Contábeis em suas cidades de origem e por esse motivo a necessidade de se deslocar para cidades que o oferecem.

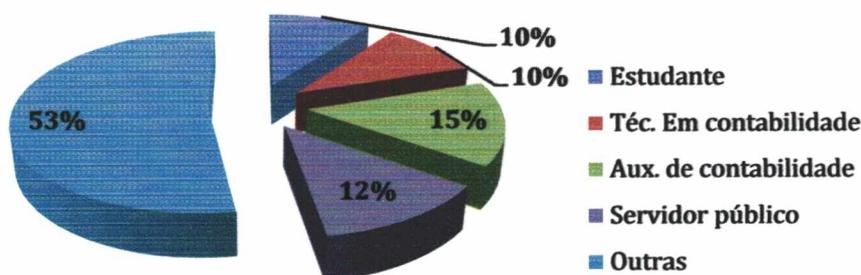


Gráfico 5 – Ocupação dos Entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

Quanto a ocupação dos entrevistados, foram citadas inúmeras, mas se destacaram entre elas, as ocupações de estudante e técnico em contabilidade com 10%; servidor público com 12% e auxiliar de contabilidade com 15 % do total dos entrevistados. De acordo com o gráfico 5 a ocupação que apresentou um percentual um pouco acima das demais foi a ocupação de auxiliar de contabilidade. Tomando como referência os percentuais apresentados no gráfico acima, percebe-se que os alunos entrevistados apesar não exercerem a profissão de contador, perceberam a necessidade de ter um curso superior na área em que atuam. Outro percentual que chamou atenção foi em relação ao do servidor público, que mesmo não sendo a área de atuação profissional se destacou também entre as ocupações mais citadas.

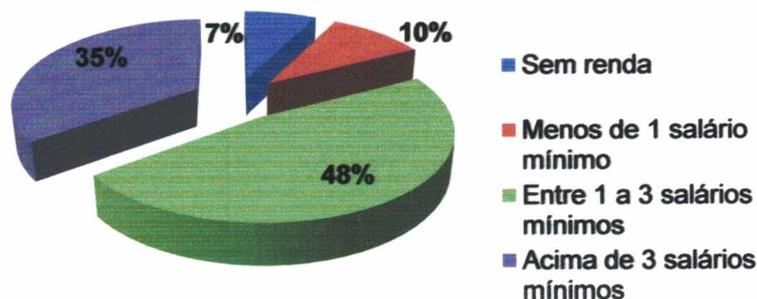


Gráfico 6 – Renda dos Entrevistados

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

O gráfico 6 mostra os percentuais em relação a renda dos alunos entrevistados do curso de Ciências Contábeis que estão cursando o 9º período. Observa-se que apenas 3 dos entrevistados não recebem nenhum tipo de renda ou seja, 7%; os que recebem menos de salário mínimo correspondem um percentual de 10%; aqueles que ganham acima de 3 salários mínimos corresponde a 35%. Portanto o maior percentual refere-se aos alunos que recebem entre 1 a 3 salários mínimos que equivale a 48%.

A predominância dos que recebem entre 1 a 3 salários mínimos se deve provavelmente ao tipo de ocupação dos entrevistados, uma vez que, segundo os mesmos relataram durante a entrevista que esse é basicamente o padrão de salário que as empresas na qual trabalham costumam pagar

4.2 Entendimento sobre o conceito de Empreendedorismo

Aqui, buscou-se identificar qual o entendimento que os alunos têm sobre empreendedorismo. A idéia central desse objetivo era averiguar como o conceito de empreendedorismo é visto para esses alunos, de que forma essa prática é encarada e quais as principais definições por eles apresentadas a partir de seus contextos. O gráfico 7 abaixo apresenta esse resultado.

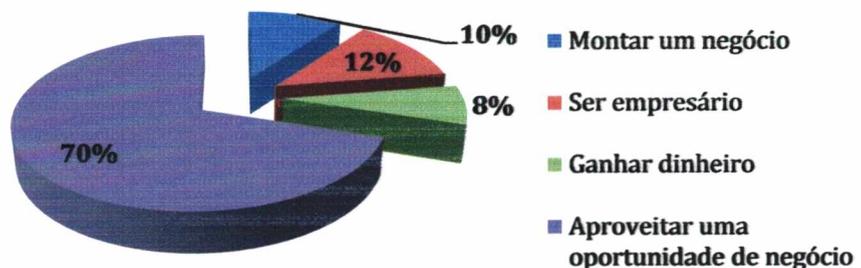


Gráfico 7 – Conceito de empreendedorismo

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

De acordo com o gráfico 7 as respostas sobre o conceito de empreendedorismo os alunos entrevistados tiveram diferentes respostas. Para 10% dos entrevistados, empreendedorismo significa montar um negócio, 12% disseram que é ser empresário, a minoria de 8% afirmaram ser o ato de ganhar dinheiro, no entanto 70% disseram que empreendedorismo é aproveitar uma oportunidade de negócio.

Para Barreto (1998), o empreendedorismo é uma habilidade que as pessoas criativas têm de criar e desenvolver negócios de forma sistêmica. É também na visão do autor, a habilidade de criar e constituir algo a partir de poucos investimentos. Caracteriza-se então, o empreender um ato criativo. É o desenvolver de uma organização em oposição a observá-la, analisá-la ou descrevê-la. Mas, é também a sensibilidade individual para perceber uma oportunidade quando outros enxergam caos, contradição e confusão. É o possuir de competências para descobrir e controlar recursos aplicando-os da forma produtiva. Dessa forma, o empreendedorismo é tido como um comportamento ou um processo para iniciar e desenvolver um negócio ou um conjunto de atividades com resultados positivos, portanto, é a criação de valor através do desenvolvimento de uma organização.

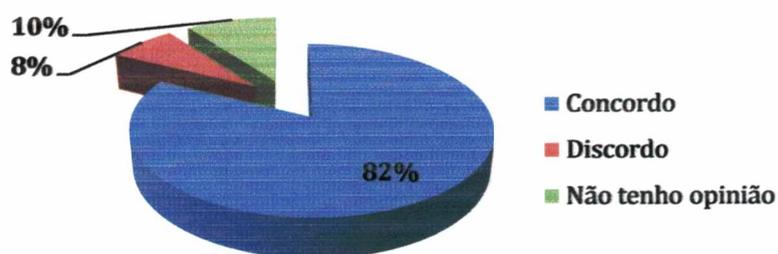


Gráfico 08 – Se o empreendedorismo deve ser explorado pelos profissionais contábeis

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

O gráfico 08 demonstra que 82% dos entrevistados concordaram que o empreendedorismo deve ser explorado pelos profissionais da área de contabilidade, tendo em vista a nova postura desse profissional que antes se limitava em registrar entradas e saídas de mercadorias e hoje deve se preocupar também em relação à gestão da empresa.

Para Chiavenato (2008), o empreendedorismo é a sensação do mundo contemporâneo, pois é a visão empreendedora que está quebrando as barreiras comerciais e culturais, diminuindo distâncias, ampliando e dando idéias de novos modelos econômicos, ampliando emprego e permitindo uma nova relação de trabalho, possibilitando dessa forma, uma condição de vida melhor para sociedade.

4.3 A Relação do Empreendedorismo no Curso de Contabilidade

Na relação entre empreendedorismo e contabilidade a intenção era observar a visão dos universitários com relação à prática empreendedora em suas formações. Inicialmente averiguar se eles conseguiam perceber a ligação entre as duas áreas e posteriormente se era importante considerar o empreendedorismo no contexto da contabilidade.

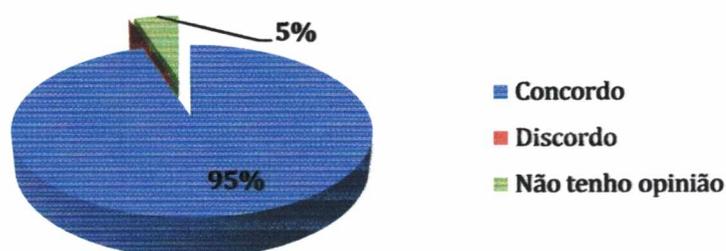


Gráfico 09 – Existe ligação entre empreendedorismo e Contabilidade

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

O gráfico 09 mostra os percentuais referente à opinião dos alunos entrevistados sobre a ligação entre empreendedorismo e contabilidade. Apenas 5% dos entrevistados responderam que não tinha nenhuma ligação, no entanto 95% afirmaram que o empreendedorismo hoje tem forte ligação com a contabilidade. Segundo os alunos o contador sempre está presente quando se trata da parte contábil de qualquer empreendimento.

De acordo com Chiavenato (2008), quando se abre uma empresa, por exemplo, o empreendedor precisa de tempo e dinheiro, precisa também planejar custos e de orientações burocráticas. Dessa forma, o contador torna-se indispensável ao empreendimento desde o momento da sua criação e durante toda sua existência para garantir o sucesso do mesmo.

Afirma ainda o autor que o contador atual possui visão empreendedora e está cada vez mais capacitado para atender as necessidades do mercado de trabalho em que atua, e tem melhor compreensão dos processos mercadológicos e ambientais que cercam o empreendimento desde o momento de sua concepção.

Observa-se que ainda prevalece na visão destes alunos a de que a relação do empreendedorismo com a contabilidade é a de caráter técnico, do ponto de vista do auxílio à abertura de um negócio. A visão de um profissional com visão empreendedora para questões como auxílio na observação de novas oportunidades não foi percebida nas respostas dos entrevistados.

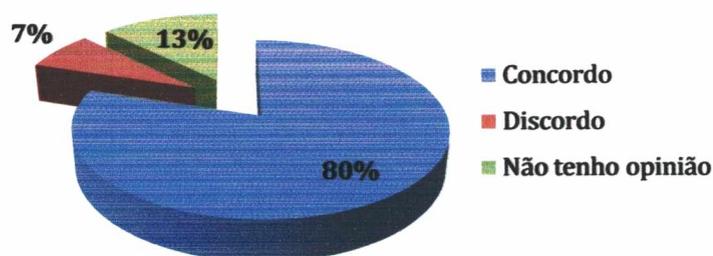


Gráfico 10 – Se o Profissional Contábil deve assumir uma postura empreendedora

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

O gráfico 10 mostra que 80% dos entrevistados concordam que o profissional Contábil contemporâneo deve assumir uma postura empreendedora, devido as novas tendências que o mercado exige, 13 % não deram opinião e 7% disseram que os contadores não precisava assumir essa postura.

Para Chiavenato (2008), o contador que possuir visão empreendedora estará mais capacitado a atender as necessidades do mercado de trabalho em que atua, pois terá melhor compreensão dos processos mercadológicos e ambientais que cercam o empreendimento desde o momento de sua concepção.



Gráfico 11 – Se o Profissional Contábil ajuda o cliente dando orientações empreendedoras

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

Percebe-se através do percentual demonstrado no gráfico 11 que a resposta dos alunos entrevistados sobre sua opinião em relação se o contador pode ajudar os seus clientes com informações empreendedoras, todos foram unânimes dizendo que concorda, alcançando dessa forma um índice de 100%.

Segundo Peres apud Marion (2003), A contabilidade deve ser um instrumento de informação que nas mãos do contador empreendedor traga soluções para a empresa permanecer no mercado. A importância que o empreendedorismo representa para a contabilidade é também auxiliar na competitividade dentro do mercado de trabalho.

4.4 À Formação Empreendedora no Curso de Ciências Contábeis.

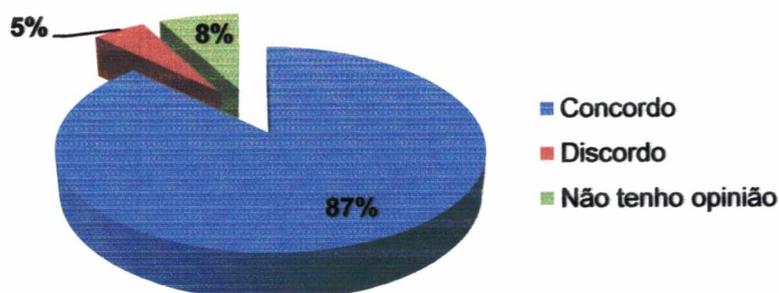


Gráfico 12 – Importância da Disciplina empreendedorismo no curso de Ciências Contábeis

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

O gráfico 12 demonstra que de acordo com a opinião da maioria dos entrevistados, ou seja, 87% a disciplina empreendedorismo no curso de Ciências Contábeis é de grande importância, 5% disseram que discorda dessa opinião e 8% dos alunos entrevistados não quiseram opinar sobre o assunto.

Segundo Ferreira (1997), a disciplina tem grande relevância, pois um dos objetivos centrais da disciplina empreendedorismo é despertar o aluno para a área de empreendedorismo, motivando-o a criar a sua empresa ou a gerar o próprio emprego, porém isto não significa o aluno após estudar essa disciplina tenha que abrir seu próprio negócio.

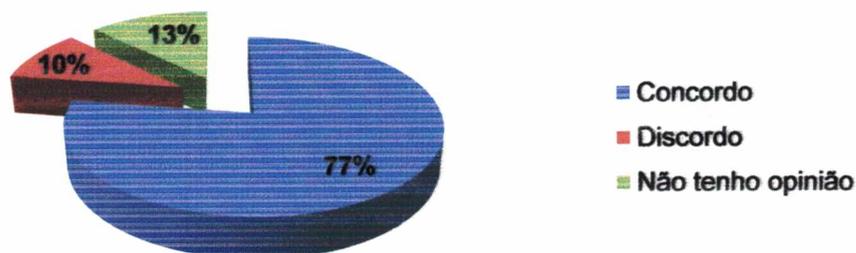


Gráfico 13 – Obrigatória ou opcional a disciplina no curso de Ciências Contábeis

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

O gráfico 13 apresenta os percentuais sobre o questionamento se a disciplina empreendedorismo deve ser obrigatória ou opcional. As respostas dos alunos entrevistados tiveram índices bastante distintos. Dos 40 alunos envolvidos na pesquisa, 10% discordaram da obrigatoriedade da disciplina, 13% disseram não ter opinião, no entanto a maioria de 77% respondeu que a disciplina deve ser obrigatória no curso, devido sua relevância para o profissionais da área de contabilidade.

Na visão de Drucker (1998) as disciplinas de formação empreendedora devem ser elaboradas a partir do desafio de se introduzir novos conteúdos e novos processos didáticos que superem obstáculos à inovação. Além do mais, as disciplinas devem ter vínculos com o mercado, com a sociedade e com os empreendedores. As experiências acadêmicas devem ser ricas e memoráveis para os alunos na construção do conhecimento para o futuro exercício profissional, com ética e responsabilidade social.

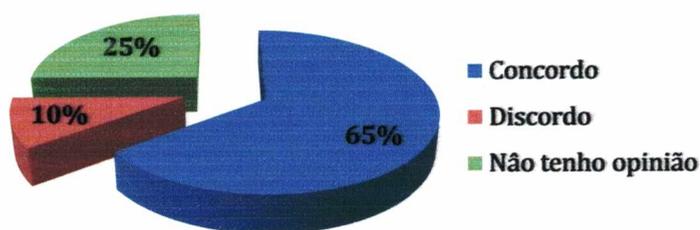


Gráfico 14 – Evolução da formação em empreendedorismo no ensino superior em Ciências contábeis

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

Conforme o gráfico 14 apesar de 25% dos entrevistados não terem opinião formada sobre o assunto e 10% discordar, a maioria de 65% dos entrevistados concordam que a formação em empreendedorismo no ensino superior evolui a cada dia, para suprir as novas tendências mercado e conseqüentemente fazendo com que os contabilistas assumam uma postura empreendedora.

De acordo com Farrel (1993), a educação na área do empreendedorismo cresce rapidamente em faculdades e universidades nos Estados Unidos e na Europa. Muitas dessas universidades oferecem pelo menos um curso de graduação ou pós-graduação, e algumas têm uma pequena ou grande concentração na área. Embora os cursos de empreendedorismo variem de acordo com a universidade, há muitas coisas em comum, em especial nos cursos iniciais neste campo na área de estudo.

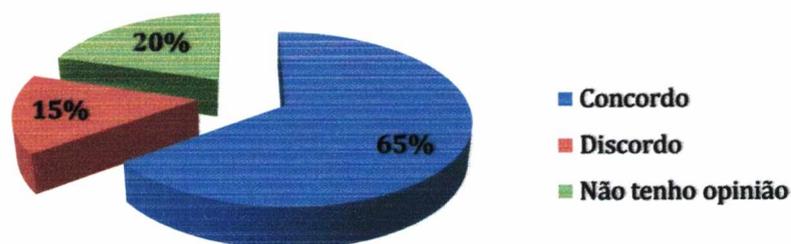


Gráfico 15 – Contribuição ou incentivo das Universidades Públicas para o avanço do empreendedorismo nos cursos de contabilidade

Fonte: Dados da pesquisa – 2010.

Os percentuais apresentados no gráfico 15 revelam que 65% dos alunos entrevistados afirmam que as universidades públicas vêm dando sua contribuição e incentivando o avanço do empreendedorismo nos curso de Ciências Contábeis, apesar de 20% não se posicionar sobre o assunto e 15% discordar do ponto de vista da maioria dos entrevistados.

Segundo Dolabela (1999a), o empreendedorismo ainda é muito novo no campo acadêmico, a implementação de cursos voltados para o assunto justifica-se pela crescente conscientização e tomada de posição por parte das universidades no sentido de proporcionar aos estudantes competências que possibilitem não só a sua inserção no mercado do trabalho, mas também sua sobrevivência e empregabilidade em uma sociedade altamente competitiva.

Nesse sentido, espera-se que o sistema de ensino enfatize a aquisição de conhecimento, dando pouco enfoque no desenvolvimento de habilidades específicas para o uso prático desses conhecimentos. A metodologia instrucional atualmente dominante não enfoca o desenvolvimento da cultura empreendedora e pouco se valoriza a ambigüidade e o exercício da prática de definir problemas e projetar soluções.

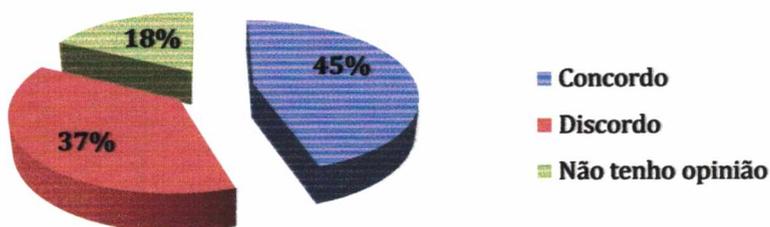


Gráfico 16 – Se a formação como contador prepara para empreender

Fonte: Dados da pesquisa – 2010

O gráfico 16 demonstra que 45% disseram que a sua forma como contador prepara para ser empreendedor, mas 37% não concordaram com essa opinião e 18% disseram que não tinham opinião sobre o assunto. Percebe-se que os índices daqueles que concordaram e discordaram ficaram bem próximos, porém prevaleceu a opinião dos que concordaram.

Para Drucker (1998), a formação empreendedora exige uma prática pedagógica diferenciada e atualizada. Evita-se intencionalmente a palavra ensino, porque ainda não existe resposta científica sobre a possibilidade de se ensinar alguém a ser empreendedor. Sabe-se, contudo, que é possível aprender a ser empreendedor. As disciplinas de formação empreendedora devem ser elaboradas a partir do desafio de se introduzir novos conteúdos e novos processos didáticos que superem obstáculos à inovação.

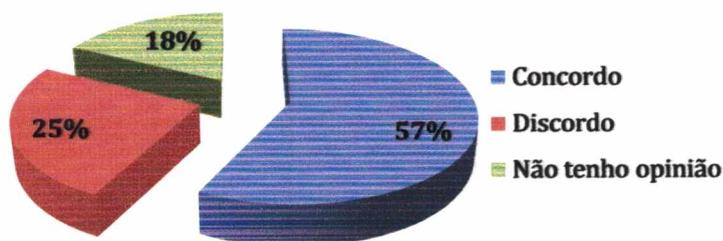


Gráfico 17 – Se teve as informações adequadas no decorrer do curso sobre empreendedorismo para a sua formação

Fonte: Dados da pesquisa – 2010

Foi perguntado aos alunos entrevistados se as informações sobre empreendedorismo, foram repassadas de forma adequadas e necessárias para sua formação. O gráfico 17 demonstra que 18% não deram opiniões, 25% discordaram, contudo 57% concordaram em

dizer que as informações sobre empreendedorismo foram suficientes para ajudar na formação acadêmica.

Para Fillion (1999), empreendedorismo não pode ser ensinado como se ensinam outras matérias. É preciso adotar uma metodologia direcionada mais ao desenvolvimento do que ao conceito, ou seja, o auto conhecimento . comenta ainda o autor, que não se deve esperar que, ao final dos cursos de empreendedorismo, os alunos estejam prontos para montar seu próprio negócio e sim que possuam o instrumental para se auto-desenvolver como futuros empreendedores.

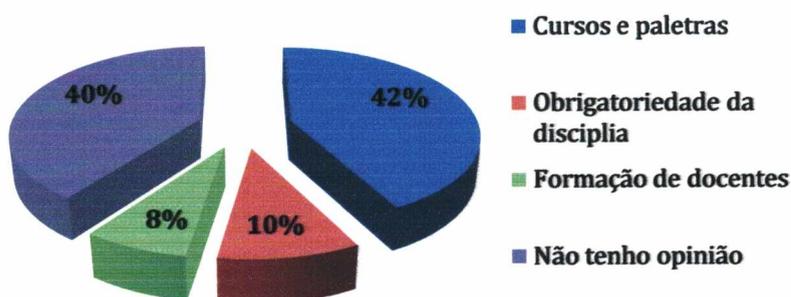


Gráfico 18 – Sugestões para otimizar o ensino de Empreendedorismo para os alunos de Ciências Contábeis

Fonte: Dados da pesquisa – 2010

O gráfico 18 mostra que a quantidade de alunos que não tiveram opinião é consideravelmente alta, 40%, aproximando do percentual de 42% daqueles que sugeriram que as universidades promovessem cursos e palestras sobre empreendedorismo para melhorar o nível de informações. O restante dos entrevistados optaram pela obrigatoriedade da disciplina com 10% e 8% disseram que é preciso investir na formação dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Dornelas (2001), nos últimos anos, o empreendedorismo tem sido tema primordial de debate nas várias instâncias públicas e privadas. O país, finalmente, tem dado a devida importância ao empreendedorismo. Programas de apoio, cursos especializados, entidades de classe, ONGs, associações, eventos, seminários, publicações etc., têm surgido para amparar de forma mais bem planejada as iniciativas empreendedoras.

No decorrer do trabalho, foi mostrada a relação que o empreendedorismo tem com a contabilidade, visto que as novas tendências do mercado em relação aos profissionais contábeis exigem uma nova postura no que se refere à relação contador e empresa. Não é mais só o papel do contador fazer os registros de entradas e saídas de mercadorias, mas também é função do contador atual interferir e opinar nas decisões de gestão das empresas, para tanto ele deve assumir uma postura empreendedora para a tomada de decisão.

De acordo com os resultados encontrados na pesquisa, em relação ao entendimento do que seria empreendedorismo, por parte dos alunos entrevistados, a maioria respondeu que se trata de aproveitar uma oportunidade de negócio, apesar de terem sido citadas outras definições como: ser empresário; montar um negócio e ganhar dinheiro. Foi perguntado, ainda, se havia alguma relação entre empreendedorismo e contabilidade. Apesar de alguns alunos não terem dado opinião sobre o assunto, a maior parte dos entrevistados afirmaram existir uma forte relação desses dois seguimentos. A pesquisa ainda revelou que os entrevistados consideram a importância da disciplina empreendedorismo no Curso de Ciências Contábeis, como também a obrigatoriedade da disciplina empreendedorismo no Curso.

Foram encontrados também na pesquisa dados referentes à evolução da formação em empreendedorismo no ensino superior em Ciências Contábeis. Na opinião da maioria dos entrevistados, houve evolução, no entanto outros não concordaram; quanto ao incentivo ou contribuição das universidades públicas de Ciências Contábeis no que diz respeito ao avanço do empreendedorismo, as opiniões dividiram-se, porém prevalecendo a opinião dos que afirmaram a contribuição das mesmas. Outros resultados encontrados na pesquisa confirmam a importância de uma nova postura que o contador deve assumir nos dias atuais, no que se refere ao comportamento do profissional contábil diante as exigências do mercado.

Dessa forma, espera-se que os resultados encontrados na pesquisa, sirvam de subsídios para a implementação de outros trabalhos relacionados ao assunto, e que busque o crescimento profissional do contador, uma vez que o empreendedorismo está presente cada vez mais na vida dos profissionais em Contabilidade.

Observa-se também, que a presente pesquisa pode servir como reflexão para futuras pesquisas na área, principalmente, aquelas que visam identificar como os estudantes, futuros contadores, encaram ou trabalham os conceitos de empreendedorismo em suas formações e na vida profissional. Uma abrangência maior da pesquisa, investigando vários alunos de cursos públicos e privados em todo o estado da Paraíba, pudesse traçar uma visão mais abrangente dessa realidade, bem como contribuir para o entendimento do fenômeno do empreendedorismo dentro do contexto da contabilidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação: noções práticas**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BRASIL. **Parecer CNE/CES 146/2002** – Homologado. Despacho do Ministro em 09/5/2002, publicado no Diário Oficial da União nº 90, de 13/5/2002, Seção 1. Brasília, DF: Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação (2002).

CARR, Graham. O currículo contábil – respondendo ao desafio da mudança. In: FRANCO, Hilário. **A Contabilidade na era da globalização: temas discutidos no XV Congresso Mundial de Contadores**, Paris, de 26 a 29-10-1997. São Paulo: Atlas, 1999.

CHITALE, Mukund M. A profissão contábil – situação presente. In: FRANCO, Hilário. **A Contabilidade na era da globalização: temas discutidos no XV Congresso Mundial de contadores**, Paris, de 26 a 29-10-1997. São Paulo: Atlas, 1999.

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor**. 1.ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CREPALDI, Silvío Aparecido. **Curso básico de contabilidade: resumo da teoria, atendendo às novas dinâmicas da gestão empresário**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

DOLABELA, Fernando. **Pedagogia Empreendedora**. 1. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2001.

_____, A, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

_____, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. 6. ed. São Paulo: Editora de Cultura, 1999a.

DORNELAS, José Carlos de Assis. **Transformando idéias em negócios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

_____, José Carlos Assis. **Empreendedorismo corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

_____, José Carlos Assis. **Empreendedorismo: transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

DRUCKER, Peter Ferdinand. **Entrepreneurship as a subject of higher education**. In: Seminário: A Universidade Formando Empreendedores. Brasília: maio de 1999.

_____, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor – Entrepreneurship: prática e princípios**. São Paulo: Pioneira, 1998.

_____, Peter Ferdinand. **Inovação e espírito empreendedor - entrepreneurship: práticas e princípios**. São Paulo: Pioneira, 2.ed., 1987.

FARREL, Larry. **Entrepreneurship: fundamentos das organizações empreendedoras**. São Paulo: Atlas, 1993.

FERREIRA, Ademir Antônio. **Gestão Empresarial: de Taylor aos Nossos Dias**. São Paulo: Pioneira, 1997.

FILION, Louis J. **Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios**. RA USP, V.34, n.2, 1999.

FRANCO, Juliana, PEREIRA, Marcelo Farid. **A importância do empreendedor social no desenvolvimento de projetos sociais**. In: Encontro Nacional de Empreendedorismo, 3.ed., Florianópolis: Anais... ENE-UFSC, 2001.

GIL, Antonio Loureiro. **Palestra ministrada no VI Seminário de Ciências Contábeis: “Contabilidade como instrumento de Gestão Região Sul de Mão Grosso”**, realizado em Rondonópolis, MT, 01 de novembro de 2006.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HILL, M. M.; HILL, A. **Investigação por questionário**. 2.ed. Lisboa: Sílabo, 2005. 377p.

HISRICH, Robert D.; PETERS, Michael P. **Empreendedorismo**. 5 ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HUSADEL, Antonio Eduardo. **Características empreendedoras: o caso da Família Schürmann**. Tese de doutorado. (Mestrado em Engenharia de Produção), Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2004.

LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas**. Recife: ed. Universitária da UFPE, 2006.

IUDICIBUS, Sérgio de. ; MARTINS, Eliseu; CARVALHO, L. Nelson. **Contabilidade: aspectos relevantes da epopéia de sua evolução**. *Revista Contabilidade & Finanças*. n. 38, p. 7-19, maio/ago., 2005.

LEITE, E. **O Fenômeno do Empreendedorismo Criando Riquezas**. Recife: Bagaço. 3.ed., 2002.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª Ed. São Paulo Atlas, 2002.

MARCOVITCH, Jacques. **A universidade (im)possível**. São Paulo: Futura, 2003.

MARION, José Carlos. **Contabilidade Empresarial**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

PELEIAS, Ivam Ricardo. Org.: **Didática do ensino da contabilidade**: aplicável a outros cursos superiores. São Paulo: Saraiva, 2006.

PEREIRA, Sonia M. **A formação do empreendedor**. Tese de doutorado. (Doutorado em Engenharia de Produção), Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 1997

PINCHOT III, Gifford. **Intrapreneuring: por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor**. São Paulo: Harbra, 1989.

ROCHA, José Luis Tapia. **Por que o empreendedor livre?** In: Instituto de Libre Empresa.2009. Disponível em: www.ileperu.org/contenido/Articulos/emprendedor_jtapia.htm. Acessado em 10 de março de 2004.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 24 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

SANTOS, Laudinéia de Souza. **Empreendedorismo no ensino fundamental: uma aplicação**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção), Programa de Pósgraduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2000.

SOUZA, A. C.; FIALHO, F. A. P.; OTANI, N. **TCC Métodos e Técnicas**. 1ª Ed.16. Florianópolis: Visualbooks, 2007.

SILVA, H.E. da. **Talento empreendedor local: uma proposta de aprendizagem para os cursos de administração**. In: Encontro Nacional de Empreendedorismo, 4.ed., Florianópolis: Anais... ENE-UFSC, 2005.

VARGAS, Marco Antonio Moreno. **Dimensões sócio-culturais do empreendedorismo: estudo do evento empreendedor no setor têxtil e de confecções de Santa Cruz de la Sierra – Bolívia**. 2007 Disponível em: http://proxy.furb.br/tede/tde_arquivos/2/TDE-2007-05-05T142110Z-7/Publico/Diss%2004%20Marco%20Antonio.

VASCONCELOS, Antonielyr M. Barbosa. **A importância da contabilidade gerencial e o novo contador para a administração**. Mkenzie, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

PERFIL DOS ENTREVISTADOS:

1. Gênero: () Masculino () Feminino

2. Idade: _____

3. Estudou em Escola Publica _____ Ou Privada _____

Parte em Publica _____ ou Parte em Privada _____

4. Naturalidade: _____

5. Ocupação: _____

6. Renda:

() Sem renda () Menos de 1 salário mínimo

() Entre 1 a 3 salários mínimos () Acima de 3 salários mínimos

Abaixo consta uma serie de assertivas que tentam detectar qual a consciência sobre o empreendedorismo dos discentes do 9º período do Curso de Ciências Contábeis. Você deverá marcar a opção conforme o seu enquadramento (numa escala de 3 pontos), como segue:

(1) Concordo (2) Não tenho opinião (3) Discordo

O CONCEITO DE EMPREENDEDORISMO

7. Para você, o conceito de empreendedorismo significa:

() Montar um negócio () Ganhar dinheiro

() Ser empresário () Aproveitar uma oportunidade de negócio

8. O empreendedorismo é um fenômeno novo, onde deve ser explorado o profissional contábil, pois o mesmo deve orientar os seus clientes, não só na entrada e saída de mercadorias e sim na gestão de sua empresa e na busca de novas oportunidades de trabalho. Você, como futuro profissional contábil, concorda com esta afirmativa? ()

A RELAÇÃO DO EMPREENDEDORISMO NO CURSO DE CONTABILIDADE

9. Você acha que há ligações entre o empreendedorismo e a contabilidade? ()
10. Os profissionais de contabilidade dos dias atuais devem assumir uma postura empreendedora? ()
11. Você acha que o profissional contábil pode ajudar o seu cliente dando orientações empreendedoras? ()

À FORMAÇÃO EMPREENDEDORA NO CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS.

12. Para você esta disciplina é importante para o curso de Ciências Contábeis ? ()
13. Em sua opinião, a disciplina de Empreendedorismo deve ser obrigatória em Cursos de Ciências Contábeis ou deveria ser apenas optativa? ()
14. Na sua concepção em Empreendedorismo no ensino superior em Ciências Contábeis vem evoluindo? ()
15. Você acha que as Universidades Públicas vem contribuindo ou incentivando para o avanço do empreendedorismo nos Cursos de Contabilidade? ()
16. Em sua opinião a sua formação como Contador lhe prepara para empreender? ()
17. Você acha que teve a informações adequadas e necessárias sobre Empreendedorismo em sua Formação? ()
18. O que a Universidade deveria fazer para otimizar o ensino de Empreendedorismo para os alunos de Ciências Contábeis?